

PÉ DO MORRO
Um roteiro de
Christina Mariani

Copyright by Christina Mariani
Todos os direitos reservados

Contato:
ch.nevesmariani@gmail.com

CENA 1 - EXT. MORRO DE CALCÁRIO - BEIRA DO RIO - DIA

MONTAGEM

Pássaros sobrevoam um céu azul límpido. Há árvores com copas magras e folhas de um verde claro e vivo. Pedras de calcário formam pequenos paredões. Som do CANTO DOS PÁSSAROS.

Um MENINO, 12 anos, preto, esguio, corre por entre os corredores compostos de pedras. O vento é forte. Ele corre velozmente, inclina seu corpo ora para o lado esquerdo ora para o direito, penetrando nos espaços entre as pedras.

Uma parte estreita do rio corre. Uma MULHER, 55 anos, parda, esfrega peças de roupas com suas mãos. O sol incide agressivamente no seu rosto, que transpira grossas gotas de suor.

MULHER

(cantarolando)

Nesta gruta de vida e de luz
Bendizando a sagrada memória
Do excelso senhor...

Um HOMEM, 60 anos, preto, está sentado em um precário barco de madeira envelhecida, sua pintura está descascada, mas é possível identificar o nome "Samira" desenhado no casco. Na proa, uma carranca talhada em madeira olha para frente. O homem faz nós em uma rede de nylon, seu rosto está coberto por um chapéu de palha. No interior do barco, um pequeno aparelho de rádio TOCA a mesma melodia cantarolada pela mulher. Um forte vento faz sacudir uma pequena bacia de alumínio que guarda algumas peças de roupa, fazendo um BARULHO. O barco se movimenta. O som do rádio FALHA. O homem se levanta, tenta se equilibrar no barco que insiste em se movimentar, ele joga a rede sobre um de seus ombros. O canto de um pássaro noturno ressoa.

HOMEM

(sussurrando)

Beira de rio é lugar de cismas.

O sol incide fortemente. A mulher segura a bacia de alumínio e olha para os céus, colocando, rapidamente, uma das mãos sobre seus olhos.

FIM DA MONTAGEM

PDV DO MENINO

Galhos secos batem no seu rosto. Ele salta pequenas fissuras abertas entre as rochas e escala pedras pontiagudas. Som de

VOZES indistintas. O menino para bruscamente, seu corpo pende para a frente. Na sua dianteira um rio caudaloso corre com pouca correnteza, árvores circundam a sua margem.

VOLTA À CENA

Ele está na parte mais alta de um morro. Rapidamente, ele se desequilibra e cai.

Uma figura amorfa flutua lentamente no ar, é um corpo de uma criança achatado, mas pouco reconhecível, produz um movimento análogo ao de uma folha ao cair de uma árvore. Algo cai sobre no rio, espirrando água para todos os cantos, causando um forte BARULHO e uma leve movimento oscilante nas águas.

O homem abre a rede e a lança sobre as águas. Ele puxa a rede com dificuldade, faz força, parece estar pesada.

MULHER

Valha, meu Bom Jesus!

Ao trazer à superfície, o menino está sentado entre os fios de nylon, ileso.

CENA 2 - EXT. RUA DA CASA DE PIPO - DIA

Pipo, 12 anos, preto e esquivo, está vestido com um uniforme escolar com os escritos "Colégio Inove". Ele olha para o céu e tenta manter seus olhos abertos, enquanto o sol incide sobre o seu rosto, impossibilitando a ação. Uma buzina TOCA, e o som assusta Pipo.

Antônia, 17 anos, preta, está sentada no banco do passageiro de um Fiat Siena, com o mesmo uniforme de Pipo.

ANTÔNIA

Bora, véi!

Pipo entra na parte traseira do carro. No banco do motorista está Jussara, 40 anos, preta, mãe de Pipo e Antônia.

JUSSARA

Pensando em que, meu filho?

ANTÔNIA

Em se atrasar com calma.

PIPO

Larga mão de ser dramática.

ANTÔNIA

Larga você de ser viajão. Toda hora é hora do mundo encantado de Pipo.

PIPO

Vai sozinha, simples.

ANTÔNIA

Serviço para um, serviço para todos.

PIPO

(sussurrando)

Cheia de razão.

ANTÔNIA

Fala pra fora!

JUSSARA

Vixe, que agonia. Tanta azucrinação no meu ouvido.

Em uma bicicleta, Júnior, 12 anos, pardo e gordo, está com uniforme da Escola Municipal Henriqueta Cruz e Silva. Ele está em cima de uma calçada e tenta se equilibrar com apenas uma mão no guidão, enquanto segura uma pequena maquete de isopor com o planeta Terra ao centro.

JUSSARA

Olha Júnior ali.

Jussara buzina, Pipo abaixa o vidro do carro e acena para Júnior que retribui o aceno e quase deixa a maquete cair. Antônia ri.

JÚNIOR

Vai de X1 hoje?

PIPO

Quer perder?

O carro segue e se distancia.

ANTÔNIA

Ei, depois pergunta qual era daquela maquete cafona.

Pipo ri. Jussara LIGA o rádio.

De dentro do carro é possível ver Dona Vera, 60 anos, parda, avó de Júnior, sai de casa com uma vasilha plástica nas mãos, abre o zíper da mochila que está nas costas de Júnior, guarda

a vasilha nela.

CENA 3A - EXT. RUAS DA CIDADE - DIA

As ruas são asfaltadas, motocicletas e carros transitam, compondo um fluxo médio, alguns estão parados no semáforo. Pessoas circulam nas ruas, algumas digitam em seus smartphones, outras mantêm o smartphone próximo ao ouvido, em ligação.

RADIALISTA (V.O.)

Essa é do seu tempo?

(música ABBA)

E essa?

(música Michael Jackson)

Essa é do meu tempo.

(música Madonna)

Agora na Boa Nova FM, Túnel do Tempo,
o tempo todo a melhor música.

Nina, 12 anos, preta, vestida com o uniforme do Colégio Inove, sai de uma mercearia segurando algumas sacolas. Ela para, confere uma das sacolas e as coloca dentro da sua mochila. Em seguida, apressa seus passos, se aproxima de uma grande e moderna motocicleta. Gabriel, 35 anos, preto, vestido com roupas sociais, pai de Nina, a entrega um capacete. Nina o coloca e sobe na garupa da motocicleta que segue pelas ruas.

RADIALISTA (V.O.)

Interrompendo nossa programação, por um motivo especialíssimo. Temos um convidado no programa de hoje, é isso mesmo Meira?

(efeito sonoro confirma)

Nosso grande prefeito, Armando Cruz e Silva.

(efeito de aplausos)

A motocicleta passa por um grande outdoor com uma fotografia de Armando Cruz e Silva e Neto Cruz e Silva, 50 e 25 anos, respectivamente, brancos, acompanhada de um letreiro garrafal que diz "Grande Dia", acompanhado da frase "Há 30 anos, o novo chegou", mais a abaixo está "06 de agosto, no palco de eventos".

RADIALISTA (V.O.)

Esse grande gestor que transformou nossa cidade, quem se lembra de como era isso antes? Nem querem lembrar.

Próximo ao outdoor, Zé de Biró, 55 anos, homem pardo, caminha com roupas sobrepostas, inúmeros cacarecos e um guarda-chuva aberto.

ARMANDO CRUZ E SILVA (V.O.)

Sempre um imenso prazer conversar com você, meu amigo. Meu cabra! Eita!

(risos)

Falar com essa população que tanto amo. Amanhã espero todos no palco, que será arretado (pausa) de bom.

A motocicleta passa por Zé de Biró. Gabriel buzina e Zé de Biró o cumprimenta levantando as mãos.

CENA 3B - EXT. FRENTE DO COLÉGIO INOVE - DIA - INÍCIO DA TARDE

Há um pequena fila carros parados, crianças e adolescentes descem deles, adultos entram em outros. De uma van escolar saem várias crianças. É possível ouvir RISADAS e GRITOS de crianças. No portão, um zelador, 40 anos, cumprimenta os pais e algumas crianças.

O Fiat Siena para, Pipo e Antônia descem e entram no Colégio Inove. Segundos depois, a motocicleta para. Nina desce da garupa, entrega o capacete para Gabriel que o pendura em seu braço. Nina e Gabriel batem nas mãos um o outro, em uma espécie de cumprimento corriqueiro entre ambos, eles sorriem e Nina entra no colégio.

CENA 4 - INT. SALA DE AULA - DIA - INÍCIO DA TARDE

Em um espaço amplo, bem iluminado, com carteiras novas e cerca de 10 alunos sentados, incluindo Pipo e Nina. Eles olham para uma imagem projetada na parede que simula uma lousa, na parte superior está escrito "Geografia". Diana, 30 anos, branca, está em pé, na frente dos alunos.

DIANA

Em 1979, por causa grande extensão do Mato Grosso que tornaria o estado difícil de ser administrado e pelas diferentes características da região sul com relação ao resto do estado, o governo decidiria desmembrar essa região do estado do Mato Grosso, e assim seria criado o Mato Grosso do Sul .

Nina levanta a mão.

DIANA
Nina?

NINA
E aqui?

DIANA
Aqui, onde?

NINA
E nossa cidade? Como surgiu?

DIANA
No-os-sa, é..

NINA
Obviamente, não foi uma descoberta,
devia ter gente por aqui. Mas como foi
que se tornou cidade?

Diana pisca os olhos rapidamente e repetidas vezes, parece não saber a resposta, um sinal APITA.

DIANA
Em 1979, por causa grande extensão do
Mato Grosso...

Nina franze a testa, olha para os seus colegas que não esboçam reação alguma. Olha para Pipo, ele encolhe os ombros e balança a cabeça para esquerda e direita, acenando negativamente, compartilhando o estranhamento.

CENA 5A - EXT. RUAS DA CIDADE - DIA - MEIO DA TARDE

Alguns edifícios apequenados, de três a quatro andares, compõem a paisagem da cidade, em sua maioria brancos e acinzentados. Os comércios estão todos abertos. Pessoas saem de farmácias, outras de supermercados. Homens e mulheres fazem fila em uma lotérica. Um mulher caminha depressa, puxando a mão de uma criança que anda lentamente. Alguns carros buzina para pessoas conhecidas na rua.

Uma forte TROVOADA ressoa. Pessoas saem na porta dos comércios e olham para o céu. No semáforo, os carros e motocicletas param e as pessoas olham para o céu. O céu está limpo, sem nuvens.

CENA 5B - EXT. PRAÇA DA CIDADE - DIA - MEIO DA TARDE

Homens retiram barras de ferro de um caminhão e depositam no chão da praça. O entorno é quase inteiro revestido com

mármore cinzas e brancas. Algumas palmeiras pequenas estão no centro de espaçados canteiros. Seu Nô, 70 anos, pardo, de cabelos e bigodes brancos, caminha se protegendo do sol escaldante.

SEU NÔ

Céu anunciando chuva...em agosto.
Tomara eu ver.

Zé de Biró caminha pelas ruas e continua com um guarda-chuva aberto.

ZÉ DE BIRÓ

E após as trovoadas, quando o povo se abriga, em contraditória retirada, o céu se precipitará, a cair pedaços sem cor, correm, insistem, atravessam, os três veem o passado, aberto, em pó.

Uma forte ventania faz bater algumas portas de estabelecimentos comerciais.

CENA 5C - EXT. FRENTE DA BIBLIOTECA - MEIO DA TARDE

Ary, 17 anos, parda, estaciona um motoneta. Com o capacete na cabeça, ela desce e tira no bagageiro uma mochila, em seguida tira o capacete e o guarda no bagageiro. Ary veste roupas largas e possui piercing no rosto, mexe freneticamente na mochila enquanto caminha, procura algo. Para em frente ao portão principal da biblioteca.

Duas motos passam velozmente na rua, as DESCARGAS produzem um som alto, que chama a atenção de Ary. Após passarem, um vento intenso faz cair uma placa, o som faz Ary voltar a procurar algo na mochila. Ela tira um chaveiro com chaves e um smartphone.

Ary destranca o portão com dificuldade, enquanto olha o smartphone freneticamente.

ARY

Na hora.

Ary entra apressada.

CENA 5D - INT. SUPERMERCADO - DIA - MEIO DA TARDE

Um senhor de 70 anos está sentando em um tamborete na entrada, virado para dentro do supermercado. Uma jovem de 20 anos está no balcão mexendo no smartphone. Dona Vera se aproxima do caixa e coloca alguns produtos sobre o balcão.

DONA VERA

E Lina, por onde anda? Tá boa? Nunca mais a vi por aqui.

JOVEM

Tá de boa. Prefere ficar na chácara.

DONA VERA

Mais tranquilo, tá certa.

A jovem coloca olha o preços dos produtos e soma em uma calculadora, em seguida coloca-os em sacolas plásticas. O senhor continua sentado, imóvel. Jussara entra.

JUSSARA

Será que vem chuva ou esse vento leva embora?

DONA VERA

Em agosto?

JUSSARA

(para Dona Vera)

Como tá?

Jussara entra nos corredores. O senhor se levanta e para na entrada, se apoia em uma das quinas da parede e olha para o céu. Dona Vera pega as sacolas, aproxima o cartão à máquina e sorri gentilmente. Ela caminha em direção à rua, para na entrada ao lado do senhor e fita o céu, preocupada.

SENHOR

É coisa...

Dona Vera acena positivamente com a cabeça e sai apressadamente.

CENA 6 - INT. PÁTIO DO COLÉGIO INOVE - DIA - MEIO DA TARDE

Nina está deitada em um banco e lê o quadrinho Cumbe, de Marcelo D'Saete. O som abafado dá lugar às vozes de crianças e adolescentes. O espaço está cheio, crianças correm, grupos de adolescentes conversam.

Pipo está sentado ao lado de Nina e observa o céu.

PDV PIPO

Uma figura amorfa flana no ar, é verde escuro e reluz pontos cintilantes, como uma fita de cetim, produzindo um movimento análogo ao de uma folha ao cair de uma árvore. Pipo tenta

pegar, mas ela desaparece.

VOLTA A CENA

Por cima do quadrinho que lia, Nina observa Pipo.

PIPO
Os ventos estão estranhos.

NINA
Nem vou te falar quem está estranho.

Antônia se despede de um grupo de amigas e amigos e caminha em direção à Nina e Pipo.

ANTÔNIA
Partiu?

PIPO
Vem amanhã?

NINA
Infelizmente.

ANTÔNIA
Tchau.

Antônia coloca um dos braços sobre os ombro de Pipo, os dois caminham em direção à saída do colégio. Uma buzina TOCA. Nina se levanta, coloca o quadrinho na mochila e a fecha. Da porta, Pipo aparece.

PIPO
Seu pai chegou.

Nina corre em direção à saída.

CENA 7 - INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - DIA - MEIO DA TARDE

O espaço está vazio, cadeiras e mesas vazias, tem algumas prateleiras com poucos livros, apenas Ary está sentada atrás do balcão, suas pernas estão cruzadas e o balcão serve de apoio. Ary usa fones de ouvido, é possível ouvir um som abafado, enquanto ela mexe no computador. Na tela está aberta uma página de uma rede social, ela olha fotos de um grupo de meninas, dentre elas está Antônia.

Um forte vento abre uma das janelas que dá para a parte dos fundos, ela bate na parede e isso desencadeia um intenso barulho, que chama a atenção de Ary. Ela se levanta, caminha

até a janela, apoia-se no parapeito e olha o que está a fora. Em uma das extremidades da janela, uma fita verde está presa, entre uma pequena fissura na madeira que se abriu devido ao impacto. Ary pega a fita. Na parte de fora, logo abaixo da janela, no chão, está um emaranhado de papéis amarelados. Ary franze a testa, estranha. Olha em volta, inclina seu corpo para fora da janela e tenta pegar os papéis, em vão. Ela confere o entorno novamente, e com as duas mãos apoiadas no parapeito, dá um impulso que tira seus pés do chão.

Outra TROVOADA ressoa.

CENA 8A - EXT. FRENTE DA ESCOLA HENRIQUETA CRUZ E SILVA - RUAS - DIA - FIM DE TARDE

Um tom roxeado toma conta do céu. Nuvens densas cobrem toda a cidade. Os postes das ruas estão acesos. Poucos carros e motocicletas transitam.

Crianças e adolescentes saem da escola. Alguns saem em grupos, casais saem abraçados e algumas saem em cima de bicicletas. Júnior sai da escola pedalando sua bicicleta. Uma parte da maquete do planeta Terra, a Terra, propriamente, sai da mochila, completamente amarrotada.

Júnior segue com sua bicicleta pelas ruas. Uma intensa luz ilumina o espaço, é um relâmpago, seguido de nova TROVOADA mais violenta. Concomitante ao som, um grosso pingo de chuva cai sobre a maquete de Júnior, fazendo derreter a tinta que colore o planeta Terra.

Os pingos aumentam rapidamente, o céu se torna cada vez mais escuro, os relâmpagos e as trovoadas se intensificam. As ruas estão completamente vazias, não há pessoas, dois carros passam com velocidade. Júnior pedala com ligeireza, enquanto olha uma densa nuvem se aproximar, ele pedala cada vez mais rápido.

Os pingos começam a aumentar de volume, uma chuva torrencial cai sobre a cidade. Os comércios e casas estão com portas fechadas, com luzes apagadas, os únicos pontos de iluminação provém dos postes e, ao longe, de uma edificação de arquitetura destoante, um casarão antigo, onde funciona a biblioteca municipal. Júnior pedala com velocidade e direção à biblioteca e entra no casarão com sua bicicleta.

CENA 8B - INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - DIA - FIM DE TARDE

Ary está atrás do balcão, de costa para o salão principal, segura seu smartphone um pouco a frente de seu rosto, na tela

está Antônia, estão em uma ligação por vídeo chamada.

ARY

Eu olhava a árvore genealógica a cada duas páginas lidas, muita gente, muitos Buendía... Mas você está em que parte?

ANTÔNIA (O.S.)

Quase no final, falta pouco, parei naquela parte em que José Arcadio, presencia uma matança... o Segundo, José Arcadio Segundo, mas dá conta que ela rapidamente foi esquecida.

ARY

Duvida das imagens que presenciou, porque a memória decidiu não acompanhar o povo. Eu gosto dessa parte.

ANTÔNIA (O.S.)

É foda... Talvez eu termine hoje, faltam menos de cem páginas.

ARY

Eu demoraria mais. Minha lerdeza é crônica. À noite então...

ANTÔNIA (O.S.)

Talvez seja por conta das aulas noturnas. Não teve hoje?

ARY

Vou no segundo horário. Ainda sem professor de Filosofia.

Júnior passa em frente ao balcão e para. Antônia o vê.

ANTÔNIA (O.S.)

Júnior?

ARY

Não, não tem nenhum.

ANTÔNIA (O.S.)

Júnior!

ARY

Quem diacho é Júnior, Tota?

JÚNIOR

Tota?

Ary se assusta, vira-se para a frente bruscamente e abaixa o smartphone que ainda está em ligação.

ARY

Putá mer-da...

ANTÔNIA (O.S.)

(abafado)

Vai pra casa, rueiro.

Ary olha Júnior que encharcado por alguns segundos, é só então que se dá conta que cai um toró na cidade. Ela coloca o smartphone em cima do balcão, acena para Antônia, despedindo-se e encerra a ligação, se levanta e vai fechar as portas e janelas. O som de CHUVA ocupa todo o ambiente.

JÚNIOR

Trabalho bom, né? Ficar de boas, conversando no celular.

Ary caminha pelo salão e continua a fechar portas e janelas, algumas ela fecha do dificuldade.

JÚNIOR

Se eu soubesse que era assim, até dava mais atenção às coisas de minha Vó. Toda hora ela manda link dessas coisas de aprendiz no WhatsApp, e eu nem tenho 14.

Ary volta para o balcão, pega o smartphone e guarda no bolso.

JÚNIOR

A internet daqui é boa? Ou o wi-fi é enfeite?

Júnior aponta para uma plaquinha com o escrito "Wi-Fi gratuito, aqui tem", acompanhado de uma foto de Armando Cruz e Silva, homem branco, 50 anos, barrigudo, com um smartphone e headset.

Ary e Júnior se olham por instantes.

ARY

Acho que nunca vi uma chuva tão forte assim.

JÚNIOR

Barril, né? Cacau tá caindo. É assim que fala? Minha Vó as vezes pede pro cacau cair.

Ary vai para atrás do balcão, pega um pano em uma das prateleiras de baixo e oferece a Júnior, que se seca.

JÚNIOR

E Antônia? Ela é diferente, né?

Ary balança a cabeça negativamente como se não estivesse entendendo Júnior.

JÚNIOR

Minha vó fala que ela é pra frente. Ela ia falar que você também é...

(pausa)

Vocês duas, coincidência, né?

ARY

É, o cacau tá caindo, voinha também falava isso.

JÚNIOR

Se fingindo de besta, é? Você entendeu, ela...

ARY

Mas já tem um tempo que ninguém nem pensa em chuva, o povo tá até com medo, não sobrou um pé de gente pra admirar.

Júnior ri.

JÚNIOR

Admirar água caindo do céu? Que bosta.

ARY

Eu gosto. O cheiro...

Júnior joga o pano para Ary, que o apara, apesar de não estar olhando para ele. Júnior caminha pelo salão. O som da CHUVA, que antes tomava todo o espaço, começa a ficar cada vez mais abafado e distante, e no intervalo de uma trovoadas e outra, um barulho diferente, como alguém batendo numa porta, vem do interior da biblioteca.

JÚNIOR
Qual a senha do wi-fi?

ARY
O som...

O barulho de alguém batendo na PORTA se repete e chama a atenção de Ary e Júnior.

JÚNIOR
Esse?
(aponta para o interior da biblioteca)
O que que tem pra lá?

Júnior caminha em direção à uma porta.

ARY
Sabe o que é bom no jovem aprendiz?

JÚNIOR
Dinheiro.

ARY
Tempo, que você não vai ter pra ficar de butuca nos trem alheio.

Júnior dá de ombros e continua a bisbilhotar a porta. Ora tentando enxergar por detrás do buraco da fechadura ora agachando para olhar através do vão da parte inferior.

Um forte relâmpago ilumina o salão, o som do trovão não vem, mas sim o som de alguém batendo na PORTA. Ary e Júnior olham para a porta. Ary está com olhos arregalados, custa a piscá-los. Júnior recua, distancia-se da porta e se aproxima de Ary.

JÚNIOR
Quer dizer que, se viro jovem aprendiz, ganho mais aperto de mente que dinheiro?

ARY
Ah, não, nem tudo é tão desagradável assim, tem suas vantagens.
(sarcástica)
A liberdade de trabalhar sem qualquer supervisão e não ter a mínima ideia do que estar fazendo, ou trabalhar mais do que deveria pela simples razão de ninguém ligar para a existência desse

lindo lugar, ou ainda...

JÚNIOR

Mas tem alguma coisa lá dentro, né
não? Banheiro?

ARY

Não... Enfim, tem ainda o fato de...

JÚNIOR

Depósito? Tesouro?

ARY

Véi, eu não posso entrar.

JÚNIOR

Você já foi lá, né?

ARY

Disseram que não posso entrar.

JÚNIOR

Será que é o que? Você não deu nem uma
olhadinha?

ARY

(pausadamente)

Eu não posso entrar, inferno!

JÚNIOR

Mas a biblioteca deveria oferecer tour
para crianças.

ARY

(rindo)

Haha. E quem vem aqui?

JÚNIOR

Boa ideia, né?

(com o indicador tocando na cabeça)

As vezes funciona. Poderia inaugurar
hoje esse tour.

ARY

Porra, véi!

JÚNIOR

Achava que você era menos covardona.

ARY

Ô, te frustrei?

JÚNIOR
 Você não é do vale?

ARY
 (séria)
 E?

JÚNIOR
 O que não te falta é coragem.

Ary vai para atrás do balcão e senta.

JÚNIOR
 Ouvir velho burro e zé mané falando
 merda, ter que aguentar olhar torto de
 senhorinhas falidas. Você responde
 elas?

Ary mexe no computador, seu olhar está focado na tela.

JÚNIOR
 Flertar com.. é To-ta, né? Que é toda
 pra frente...

Ary olha para Júnior, arfa impaciente, enquanto força a
 abertura de uma gaveta. Segundos depois, abre a gaveta, pega
 uma chave pequena e enferrujada, a levanta na altura de seus
 olhos, ao fundo Júnior abre um sorriso.

CENA 8C - INT. CORREDOR - NOITE

Ary caminha em direção a porta, a chave não encaixa de
 primeira, após três ou quatro tentativas, ela abre a primeira
 porta. Júnior corre para acompanhá-la. Eles entram.

Um pequeno corredor com estantes de ferro estão vazias, o
 ambiente é escuro e empoeirado. Júnior passa na frente de
 Ary. Uma MELODIA indecifrável e quase inaudível ecoa, é a
 mesma da primeira cena.

Atrás de uma das estantes tem uma porta. Júnior empurra a
 estante com muita dificuldade, para em alguns momentos,
 respira fundo. Empurra novamente e a estante se movimenta com
 facilidade, ele sorri, satisfeito, é então que Ary aparece,
 foi ela quem empurrou.

CENA 8D - INT. SALA DE ARQUIVOS - NOITE

Em cima da porta, está uma pequena placa com o nome
 "Arquivo". Na medida em que Ary e Júnior se aproximam da
 porta, a MELODIA fica cada vez mais perceptível.

JÚNIOR
Vai, abre essa.

ARY
Só tem uma chave, e eu abri a do
corredor.

JÚNIOR
Coloca ao contrário, sei lá. Me dá aí.

A MELODIA está cada vez mais audível.

ARY
1970? 79? O cais inundou. Não tinha
cais. O rio cresceu nas ruas.

Júnior franze a testa e faz uma careta de estranhamento.

JÚNIOR
Tá doidona?

Ary caminha de om lado para o outro, seu olhar está perdido, ora olha para cima, ora olha para baixo, está numa espécie de transe.

ARY
Vera Lúcia, Norberto, Nô, Seu Nô,
Jussara e Tadeu. Zé! Zé! Cadê Zé?

JÚNIOR
Cadê Zé? Cadê a chave!

Júnior estende as mãos, que balança vazia no ar. Ele olha para Ary e impacientemente pega as chaves das mãos de Ary.

ARY
Chuva em novembro é bom, 19 de março,
São José, é bom sinal.

Júnior posiciona a chave de ponta cabeça, fecha os olhos e coloca a chave na fechadura. A porta se abre, um clarão invade a sala, Júnior abre os olhos, que brilham e crescem, seu queixo relaxa lentamente, fazendo com que fique boquiaberto.

Um GRITO alto invade o espaço, instantes depois Ary dá um GRITO agudo. O grito se repete como um toque de celular. Júnior fecha a porta e guarda consigo a chave.

CENA 8E - INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - NOITE

Júnior procura sem smartphome, que possui um TOQUE estridente, com GRITOS. Ary caminha lentamente, coloca suas mãos sobre a cabeça.

JÚNIOR

Fala, Vó!

DONA VERA

Cadê você, menino? Aprontou o que?
Já passou da hora de chegar em casa.

JÚNIOR

Não podia pegar o sereno da chuva.

DONA VERA

E você se importa com sereno?

JÚNIOR

Relaxa, tô indo.

Ary pega seu smartphome e o desbloqueia, o relógio marca 18h55.

ARY

Eita, porra!

Ary pega sua mochila, desliga o computador e puxa Júnior, que pega sua bicicleta, e vão em direção à saída. Rapidamente, volta para o interior do salão e desliga as luzes.

Não há mais barulho de chuva. Ary e Júnior saem da biblioteca, Ary tranca a porta principal por fora.

JÚNIOR (O.S.)

Amanhã você vai receber muitas visitas.

A porta da sala de arquivo está entreaberta.

CENA 9 - INT. CASA DE NINA - NOITE

Em um sobrado, uma janela no primeiro andar tem luzes acessas. Nela, está Nina, apoiada no parapeito.

Defronte, uma rua larga asfaltada, o asfalto está mais escuro do que o normal, efeito da água da chuva. Pequenas poças se formam entre a calçada e a rua. Um passeio divide a rua em duas vias, árvores médias ocupam o meio do passeio e alguns carros estão estacionados. CACHORROS latem.

Zé de Biró caminha na rua com seu guarda-chuva aberto, que cobre seu rosto.

ZÉ DE BIRÓ

(sussurrando)

Podia ser um, dois, cinco, mas serão três. Três como três. No dia seis.

Ao chegar em frente ao sobrado, Zé de Biró para, abaixa o guarda-chuva e, repentinamente, olha para Nina, que acena para ele. Zé de Biró não corresponde, continua a olhar fixamente e, após alguns instantes, acena com a cabeça para cima e para baixo, positivamente.

Um som de NOTIFICAÇÃO de mensagem vem do quarto de Nina, que olha para o interior do cômodo, é possível ver o nome de "Júnior" na caixa de mensagem na tela de um notebook. Um ASSOBIOS vem da rua.

Nina retorna a olhar para rua, mas Zé de Biró não está lá. Ela franze a testa, numa expressão confusa.

CENA 10 - INT. QUARTO DE PIPO - DIA

Pipo está sentado no chão, apoiando as costas na cama, ao seu redor estão livros e cadernos abertos, um estojo e canetas espalhadas pelo chão. Ele está escrevendo em um dos cadernos.

Uma NOTIFICAÇÃO de mensagem no celular chega em seu smartphone, foi enviada por Júnior e diz "tô pronto, bó?". Pipo responde com uma figurinha de expressão confusa e segue escrevendo. Tadeu, pardo, 45 anos, pai de Pipo, BATE na porta.

PIPO

Entra.

TADEU

Júnior está na porta, te esperando.

PIPO

Que bicho agoniado.

TADEU

Quer que eu fale que você está estudando?

Pipo se levanta e coloca os sapatos.

PIPO

Eu vou lá, antes que tenha um treco.

TADEU

Leva um guarda-chuva.

JÚNIOR (O.S.)

Não precisa não, agora é chuva só em novembro.

TADEU

(rindo)

O rapaz tem muita certeza, assim vou achar que você está sabendo mais que eu.

Pipo ri. Tadeu beija a testa do filho, que sai de casa.

CENA 11 - EXT. RUAS DA CIDADE - DIA

Pipo e Júnior caminham pelas calçadas. Faz sol, o asfalto das ruas está completamente seco, as escassas árvores nem sequer balançam. Há um médio fluxo de carros e motocicletas.

PIPO

O que foi que deu em você para querer ir na Biblioteca? A internet de lá é boa?

Júnior está sério e caminha rápido, Pipo tenta o acompanhar.

PIPO

Porque a sua é de padoca.

Pipo fica um pouco mais a diante e anda de costas, para ficar de frente à Júnior.

PIPO

Não sei que milagre aconteceu pra sua Vó te deixar sair, ela tava retada ontem, ligou pra mainha.

Júnior permanece sério e não olha para Pipo, que fica esmorecido e volta a andar ao lado de Júnior. Eles andam por alguns minutos. Esperam o sinal abrir para pedestres e atravessam uma faixa desbotada. Algumas calçadas são mais altas que as outras, e eles têm que saltá-las.

PIPO

Seria muito viação se eu dissesse que ontem eu vi coisas estranhas no céu?

Por uma fração de segundos duas mãos surgem detrás de Pipo e Júnior e cada mão pega em um ombro dos meninos.

NINA
(rindo)
Era a chuva.

Pipo se assusta, Júnior permanece apático. Nina caminha ao lado de Pipo e Júnior, no meio deles, e cutuca Júnior com o cotovelo. Ele não esboça reação alguma e Nina estranha, olhando para Pipo.

NINA
Qual foi?

PIPO
Quem souber morre.

Nina e Pipo sorriem e continuam a caminhar o lado de Júnior

CENA 12A - INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - DIA

Ary está sentada em uma das cadeiras do meio do salão, está ereta, braços cruzados, olha para a porta. Júnior entra, seguido de Nina e Pipo.

ARY
Pareceu!

NINA
Júnior conhece é gente.

ARY
É que ele precisa devolver uma coisinha para mim, né? Mas sejam bem-vindos, não é sempre que recebemos tanta gente assim. Podem ficar a... Ah, já estão, rápidos

Pipo fuça as prateleiras.

PIPO
Ei, Nina, não é o cara que você gosta?

Nina vai até Pipo e os dois folheiam um quadrinho. Júnior senta ao lado de Ary, ela a olha com um sorriso de canto de boca.

JÚNIOR
Não tem coisa para fazer, não?

ARY
(doce e sarcástica)
Claro, pegar uma coisinha com você.

JÚNIOR

Ou fechar a página da rede social que
você adora stalkear os outros.

Ary aproxima-se de Júnior e seu rosto fecha-se em um
semblante impaciente.

ARY

Eu tô falando sério.

JÚNIOR

(calmo)

E eu também.

Nina e Pipo se aproximam de Ary e Júnior, e sentam em
cadeiras próximas.

JÚNIOR

Você deveria abrir o formulário porque
uma pessoa vem devolver um livro.
Livros, são muitos.

ARY

Você sabe muito bem do que eu tô
falando... Vai...

JÚNIOR

E sei muito bem do que EU estou
falando. Quer ver? 3, 2, 1, e...

Antônia entra na biblioteca com alguns livros na mão. Nina,
Ary e Pipo olham surpresos. Júnior mantém um sorriso de canto
de boca, se levanta e caminha pelo salão.

PIPO

Oxe!

Ary se levanta, vai para o balcão e, em pé, faz um movimento
repetitivo no mouse do computador, como se estivesse fechando
várias abas. Antônia e Pipo se olham.

ARY

Pode vir.

Antônia vai para o balcão, entrega os livros para Ary, que os
recebe, suas mãos tocam e elas sorriem timidamente. Ary senta
na cadeira e Antônia se inclina para frente, em direção à
Ary.

ANTÔNIA

(sussurrando)

Tá ligada que esse menino é Pipo, né?

ARY

(alto)

Seu irmão?

Pipo olha para Ary e Antônia. Ary abaixa a cabeça e confere a devolução do livro. Antônia ergue as sobrancelhas, enquanto olha para Pipo e faz pequenas batidas no balcão. Nina, ao lado de Pipo, folheia alguns livros empilhados em uma das mesas.

Júnior bate PALMA e continua a zanzar pelo salão, se aproximando lentamente da porta que dá acesso ao corredor. Ary divide o olhar entre Júnior, o computador e livros. Nina olha para Júnior, intrigada.

ARY

Prontinho! Estou com esse aqui que você reservou, devolução daqui sete dias, dia 13.

ANTÔNIA

Opa, valeu!

Antônia pega o livro e permanece em pé em frente ao balcão. Ary fica sentada, Pipo começa a folhear o mesmo livro que Nina, Júnior continua a andar de um lado para o outro. Todos tentam desviar os olhares entre si.

Concomitantemente, Antônia vai em direção à Pipo, Ary se levanta, Nina e Pipo fecham os livros e Júnior para em frente à porta do corredor.

ANTÔNIA

(para Pipo)

Que que você tá fazendo aqui?...Claro que não...E Júnior ler?...Me poupe.

PIPO

(para Antônia)

Você veio atrás de mim?...Júnior...E você gosta de livro físico? Comprou Kindle pra quê?

NINA

Ai, que enrolação! Quero só ver se foi tempo perdido. Não sei porque dou ousadia a Júnior.

ARY
(concomitante a Júnior)
A CHAVE SUMIU!

JÚNIOR
(concomitante a Ary)
A CHAVE SUMIU!

Nina, Pipo, Ary e Antônia param. Júnior ri alto.

JÚNIOR
Foi igualzinho como eu vi, mudou nada,
nada.

NINA
Você viu o que?

Júnior faz que vai entregar a chave para Ary, ela estende a mão, ele recua uma três vezes, enquanto sorri, até entregá-la.

NINA
Você viu o que? Fala, véi.

PIPO
Desde ontem esse mistério.

NINA
Todo esquisito, não ri, não fala.

PIPO
Para que você chamou a gente?

ARY
Pera ainda. Como você sabia a hora exata que To... Antônia chegaria?

ANTÔNIA
Ele sabia?

Nina, Pipo e Ary acenam positivamente com a cabeça.

JÚNIOR
Eu vi.

ARY
Viu como se as janelas não dão visão para rua?

JÚNIOR
Eu vi.

NINA

Ai, que chatice. Vou ligar pro meu pai.

JÚNIOR

Não, espera. Você vai gostar.

NINA

Vou gostar de você parar de encher o saco.

Antônia e Ary riem. Pipo está calado.

JÚNIOR

Você vai se sentir naqueles filmes doido que você assiste.

(para Antônia e Ary)

E vocês também, viu? Não do filme, mas Tota vai adorar, ela gosta de saber de tudo.

Antônia ri falsamente. Nina pega o smartphone, digita algo e coloca no ouvido.

PIPO

Você viu o dia de hoje?

JÚNIOR

Seria muito viajão se eu dissesse que ontem eu vi...o futuro?

Nina ri alto, desliga o smartphone. Antônia também ri. Ary e Pipo permanecem sérios. Júnior se esmorece com a reação de Nina e Antônia, e preocupado se aproxima do grupo.

JÚNIOR

Ontem, com aquele toró que veio de uma hora para outra, um portal se abriu aqui na biblioteca.

NINA

Ah, menino, vai ler para ver se inventa coisa melhor.

JÚNIOR

É sério. Ary viu, não viu?

ANTÔNIA

Viu?

JÚNIOR

Ver, ver, não viu, mas ouviu e falou umas doideira.

NINA

Só melhora.

Ary caminha até a porta do corredor, levanta a chave.

ARY

Bora ver.

Todos se entreolham e Júnior saltita em direção ao corredor.

CENA 12B - INT. SALA DE ARQUIVOS - DIA

Nina, Pipo e Júnior entram rapidamente, Antônia entra logo em seguida e Ary permanece na porta. A MELODIA cresce gradativamente.

NINA

Começou a ficar estranho.

Junto à melodia, sons indistintos ressoam, uma hora parecem VOZES de crianças, noutra BUZINAS, noutra uma MICROFONIA.

ANTÔNIA

Não vem?

ARY

Falei no frisson, se chegam aqui e eu não tô, já era. E você acha mesmo que tem alguma coisa?

ANTÔNIA

(rindo)

Me interessa saber qual a 'fic' da vez. Admiro quem usa a imaginação.

Ary sorri, ela e Antônia se olham. Ambas permanecem no corredor, Antônia percebe ao seu lado. Ary olha constantemente para o salão principal.

Júnior abre a porta dos "Arquivos", ele está do lado de Nina, que está do lado de Pipo, um clarão muito intenso invade todo o espaço. Ary e Antônia se protegem da forte luminosidade. Os olhos de Nina, Pipo e Júnior brilham. Júnior sorri, Pipo está com a boca aberta.

NINA
 (surpresa)
 Maria, valei-me.

Nina é a primeira a cruzar a porta, seguida de Júnior e Pipo. O clarão se apaga, Ary e Antônia voltam a olhar para a sala, que está vazia.

CENA 13 - EXT. PÁTIO DA ESCOLA ANOS 90 - DIA

Árvores ocupam o centro, embaixo delas bancos largos. O formato é quadrado, todo o entorno possui pilastras e uma pequena balaustrada. Entre o pátio e a balaustrada há um corredor, com várias portas, cada uma é uma sala. O SINO toca.

O corredor é habitado por incontáveis crianças e adolescentes. Crianças e adolescentes, entre 11 e 17 anos, saem das salas, todos vestidos com uma blusa uniformizada, nela está escrito "Colégio São Francisco", alguns vestem calças jeans, outros bermudas e algumas poucas meninas vestem saias jeans abaixo dos joelhos. A maioria está em estado de euforia. Algumas crianças correm tentando equilibrar as mochilas desajustadas nas costas. Outros apostam corrida. Os adolescente, mais velhos, formam grupos e entram no pátio, uns sentam nos bancos. Outros ficam em pé escorados nas pilastras em frente às salas. O fluxo intenso de crianças correndo faz com que Nina, Pipo e Júnior se camuflem na multidão de alunos.

De uma das salas, sai Dona Vera, ela veste roupas elegantes e sapato de salto alto, segura pastas e papéis, seus cabelos estão escovados e tingidos, não há um fio branco sequer. De outra sala, Tadeu e Jussara saem abraçados, vestem o uniforme do colégio. Tadeu tem cabelos grandes e volumosos, Jussara cumprimenta todos com quem cruza.

JUSSARA
 Vai hoje, Bila?

BILA
 (enquanto caminha)
 Às sete na calçada de seu Aristóteles.

JUSSARA
 Chama Mércinha.
 (para outra pessoa)
 Oi! Tá boa?

Nina, Pipo e Júnior acompanham Dona Vera, Tadeu e Jussara com o olhar, estão atônitos. Um APITO ressoa. Seu Nô tem cabelos

e bigodes escuros, carrega o apito pendurado em um cordão em volta do pescoço, vai em direção a um grupo de adolescentes.

SEU NÔ

Quando tem aula ficam na rua, quando
não tem ficam na escola.

(fazendo sinal para que todos
saíam)

Vamos que o feriado começou.

(murmurando)

Menino é bicho esquisito.

Nina, Pipo e Júnior, ainda assustados, seguem o emaranhado de alunos e caminham pelos corredores. Nas paredes estão fotografias datadas do século XX, entre 1960 e 1990. São fotografias de eventos e festas, São João, Carnaval, desfile de 07 de setembro, concursos de fantasias, recitais. Também estão na parede cartazes de cartolina das mais diversas disciplinas, um deles, feito de papel madeira marrom, emula o formato de um morro, nele uma pequena cronologia da história da cidade, começando com o povoamento indígena no entorno do morro, seguido da chegada de bandeirantes e missionários, passando pelo povoamento da cidade, a visita de romeiros e o crescimento urbano.

CENA 14 - EXT. RUAS ANOS 90 - DIA

As ruas são de paralelepípedos, os carros são poucos e antigos, algumas crianças entram nos veículos estacionados, outras crianças sobem na garupa da bicicleta do irmão e da mãe. A maioria dos alunos caminha a pé, alguns poucos estão de bicicleta. Um grupo de adolescentes caminham juntos, um deles está montado em uma bicicleta.

ADOLESCENTE 1

Vamos pra praça?

ADOLESCENTE DA BICICLETA

Vou nada, mainha tá em casa.

Tadeu e Jussara se aproximam do grupo.

TADEU

Quem vai tomar um soverte em Preto?

DONA VERA

Sorvete uma hora dessas, menino.

JUSSARA

Feriado, professora.

TADEU
E calor de agosto.

Dona Vera ri, destranca a porta de um Volkswagen Gol, duas portas, entra e dá partida no carro. Na calçada em frente ao colégio, Nina, Pipo e Júnior estão parados. Pipo e Júnior se olham intrigados, Júnior aponta para o carro de Dona Vera, Pipo para Tadeu e Jussara, Nina passa entre os dois e vai em direção ao grupo de adolescentes, eles a seguem.

CENA 15A - EXT. PRAÇA ANOS 90 - DIA

O lugar é amplo, limpo e bem arborizado, as copas das árvores são densas e fazem muitas sombras que caem sobre os bancos de madeira. Há também canteiros largos acimentados e um coreto ao centro. Tadeu e Jussara sentam em um dos bancos, alguns adolescentes param por perto, conversam coisas indistintas.

Zé de Biró caminha na praça e cumprimenta a maioria das pessoas com quem cruza. A praça está com um leve movimento de pessoas, algumas crianças voltando da escola e adultos caminhando calmamente.

ALUNO 1
(grita)
Meu poeta!

ALUNA 2
(rindo para os amigos)
Sempre na rua, né, é impressionante.

ZÉ DE BIRÓ
Era dia qualquer, desses de sol
rachado
Um menino sobe no morro, sem medo
Diziam que seu fim já era anunciado
A se embrenhar no corredores do
rochedo
A testar a proteção dos bem-
aventurados

ALUNA 3
Mainha disse que é desde quando ela se
entende por gente.

ZÉ DE BIRÓ
Ao pico do morro ele chega, não
hesita,
Mas lá no alto, seu passo falha,
Quando seus olhos a mais bela paisagem
avista
Se desequilibra

E da queda não escapa

TADEU

(acenando para Zé de Biró)

Nosso patrimônio.

ZÉ DE BIRÓ

De baixo uma lavadeira estranha

A figura amorfa, a dançar no ar

O barulho forte e a água esparrama

Na rede do pescador o menino ileso vai

estar

Atrás de algumas das casas que ocupam o entorno da praça, um enorme morro com pedras de calcário circunda todo o espaço. É maior do que todas as construções e em uma de suas extremidades, pouco a frente, uma enorme torre de pedras com um relógio no topo deixa-o ainda mais imponente.

Nina, Pipo e Júnior, boquiabertos, olham para o morro.

NINA

Que por...

(olhando para Pipo e Júnior

apontando para o morro)

Isso sempre esteve ali?

JÚNIOR

(abrindo um sorrindo)

Papo de maluquice, véi.

Zé de Biró passa por eles e os cumprimenta, reproduzindo o mesmo gesto que fez para Nina na noite da chuva e caminha para em direção à rua que parece ser mais próxima do morro. Nina, Pipo e Júnior acenam para Zé de Biró, e Nina o segue, acompanhada de Pipo e Júnior. Um carro de carroceria com uma caixa de som acoplada passa com uma música e desperta a curiosidade de Nina, Pipo e Júnior, que caminham na direção do som.

CENA 15B - EXT. PRAÇA ANOS 90 - NOITE

Nina, Pipo e Júnior estão parados em uma das extremidades da praça, virados para rua. Crianças passam andando com suas bicicletas. Do outro lado da rua, homens de meia idade jogam baralho em um botequim, outro homem está parado encostado em sua bicicleta. O carro de som passa e a MÚSICA se torna cada vez mais distante.

Um menino, 9 anos, sai do botequim com um litro de KS de refrigerante, ele atravessa a rua, passa por Nina, Pipo e Júnior. Uma das mãos do menino está recheada de balas e uma delas cai no chão próxima de Pipo. Pipo agacha, pega a bala e estende sua mão em direção ao menino.

PIPO

Ei! Sua ba...

O menino já está longe e Pipo guarda a bala no bolso de sua bermuda.

Três senhoras caminham juntas com terços nas mãos e cruzam a praça. Um carrinho de pipoca, guiado por um senhor, segue em direção ao coreto. Mais distante um adolescente carrega uma vara repleta de algodões-doces coloridos. Próximo ao coreto, um homem posiciona um galão de gás hélio e enche balões de formatos variados. O fluxo de pessoas aumenta e Nina, Pipo e Júnior se inquietam, desnorteados, por não saber o que observar, se viram bruscamente a cada nova pessoa, grupo ou ambulante que ocupa a praça.

LOCUTOR (O.S.)

1, 2 ,3, testando.
(microfonia)

A expressão de desconcerto de Nina, Pipo e Júnior se esvai, dando lugar ao encantamento, e elas caminham pela praça, cada uma por um lado. Um homem está em cima do coreto, atrás dele músicos de uma banda testam o som dos instrumentos, o homem está segurando um microfone, vez ou outra um forte barulho de MICROFONIA ressoa.

LOCUTOR

Som? 1, 2, 3. Som? Testando.

Nina, Pipo e Júnior caminham em direção ao coreto, voltam a ficar juntos. A praça está cada vez mais repleta de pessoas. Mais ambulantes vendem comida, um passa vendendo sorvete, outro cachorro quente. Homens fazem uma fila para tentar acertar uma torre de copos em frente a um pequeno gol, Tadeu é um deles. Há barracas de artesanato e roupas. Crianças correm no entorno, sobem e descem as escadas que dão acesso ao coreto.

LOCUTOR

Pais e mães, por favor, para evitar acidentes, peguem suas crianças, estamos com equipamentos aqui em cima. Vocês querem ou não querem que banda comece?

POVO DA PRAÇA
(em uníssono)

Sim!

Casais de idosos estão sentados em bancos próximos. Um grupo de meninas adolescentes, extremamente arrumadas, caminham juntas rindo entre si, entre elas está Jussara. Embaixo de uma grande árvore, sentados em um banco, um jovem casal trocam carícias.

Cada vez mais pessoas ocupam o espaço. O sol está se pondo, luzes são acesas em toda a praça, canto de pássaros pode ser ouvido. Um sino toca, o som vem na direção do morro. As crianças procuram de onde vem o som, e veem uma parte de uma enorme torre de pedra iluminada, próxima ao morro. A banda começa a tocar.

De súbito, as crianças se dão conta que anoiteceu, apesar de acharem que se passou pouco tempo.

PIPO

Oxe, já tá de noite. Que horas agora?

Nina tenta conferir as horas em seu celular.

NINA

Não liga, que coisa estranha, achei que tava carregado.

JÚNIOR

Coisa de Iphone, o meu deve tá com a bateria no topo.

Júnior pega o celular e o aparelho não liga.

PIPO

Bora voltar pra aquela escola, a porta... é ... o portal tá lá, né?

JÚNIOR

Eita, "pêga", agora que minha vó endoida.

Júnior tenta ligar o celular de diversas maneiras, o coloca para cima, agacha, caminha com ele e se afasta de Nina e Pipo.

NINA

Não era distante, a gente chegou num pulo. Mas você sabe voltar? Lembro que tinha um mercadinho na segunda esquina

à direita, você lembra Júnior?

Pipo e Nina percebem que Júnior não está mais ali. Eles olham para todos os lados a procura dele, mas não tarda muito para Júnior se aproximar novamente, o menino está com um saco de pipocas.

PIPO

Como você conseguiu isso, véi? Pagou como?

JÚNIOR

Eu tava falando de minha vó, o coroa intrometido me perguntou quem era, falei que era Dona Vera e ele me deu. A véia tem moral.

PIPO

Tá doido? Você tá ligado que ela não faz ideia de sua existência? E agora?

Nina pega uma pipoca de Júnior e come.

PIPO (CONT.)

E se esse homem fala com ela, o que acontece com a gente?

JÚNIOR

(para Nina)

Qual é, véi!

NINA

(irônica)

Só pra saber se é realmente real, se Pipo não tá surtando a toa.

Uma forte MICROFONIA invade o espaço. Em cima do coreto, Zé de Biró segura o microfone.

ZÉ DE BIRÓ

Era cedo, o sol ainda se escondia
A cidade silenciosamente se erguia,
Com suas luzes e sombras, meia-noite,
meio-dia,
Mas triste profecia, a dor de uma
poesia,
Que enxerga ele avançando e vendo que
tudo devoraria

Engoliu a terra, sem deixar pedra
avara
Era máquina, prédio, cinza
Sobe!

E de repente não há um cristão que se lembrara

A fé se escondeu
 Não há certeza para o nunca visto
 É quando aparecem pequenos olhares,
 Apenas três, não mais que isso
 A verem das pedras uma história,
 E começar a batalha contra desmemória.

Nina, Pipo e Júnior o ouve com atenção. Zé de Biró se inclina para frente, com gesto de saudação ao público da praça, ao voltar para posição ereta, olha fixamente em direção à Nina, Pipo e Júnior. Há aplausos escassos. Zé de Biró desce do coreto e caminha para fora da praça, entra em um rua que fica no sopé do morro. Nina, Pipo e Júnior o acompanham com o olhar, em seguida olham entre si, acenam positivamente com a cabeça e seguem o Zé de Biró.

CENA 16 - EXT. RUAS ANOS 90 - NOITE

As ruas, ao pé do morro, são de paralelepípedos, iluminadas com uma luz amarelada que incide com fraca intensidade. Famílias inteiras estão sentadas na porta de casa, em bancos de bandeira. Uma mulher sai de casa com uma cadeira e oferece para outra que estava em pé. Em outra calçada, três senhoras estão sentadas, quando Nina, Pipo e Júnior passam por elas, são observados em silêncio.

Crianças correm na ruas, brincam de esconde-esconde, uma delas corre rapidamente e coloca a mão sobre um poste de luz.

CRIANÇA 1

1, 2, 3 salve eu.

CRIANÇA 2

Ele fica guardando caixão.

CRIANÇA 1

Nem roubando vai ganhar.

CRIANÇA 3

Nada a ver, você que não sabe perder.

Nina, Pipo e Júnior observam tudo, andam lentamente, as crianças que estavam brincando olham para eles em silêncio, os três aceleram os passos e continuam seguindo Zé de Biró.

As ruas passam a ser cada vez mais calmas e silenciosas, não há pessoas. Ouve-se um LATIDO de cachorro. As luzes tornam-se mais fracas, a penumbra habita as vielas, ao passo que o

morro está cada vez mais próximo e, curiosamente, mais iluminado, parece ocupar mais o espaço. Pipo hesita, para. Júnior segue, Nina olha para trás e vê Pipo parado, olhando fixamente para o morro.

NINA

Pipo?

Pipo olha para Nina e acena negativamente com a cabeça.

NINA

Pode ser o único jeito da gente sair daqui.

Nina estende a mão para Pipo e quando o estende a sua, Júnior entra pelo meio, interrompendo a ação.

JÚNIOR

Nem seria uma ideia tão paia ficar aqui, né não?

Um PORTÃO de grades se abre, faz um forte RANGIDO. Zé de Biró que abre, em seguida entra em um pátio, o morro o circunda. Nina, Pipo e Júnior também entram, mas logo param, erguem cabeças e olham impressionados para o grande morro de calcário, iluminado, imponente e enigmático. Zé de Biró entra no morro. Nina, Pipo e Júnior se olham, estão confusas, mas seguem Zé de Biró e também entram no morro.

CENA 17 - INT. CASA DE ZÉ DE BIRÓ - NOITE

O lugar é pequeno, as paredes são as pedras do morro, a luz é escassa e o chão de concreto cru, mas está equipada com móveis e aparatos domésticos, é uma casa. Não há divisão entre os cômodos, o quarto, a cozinha e a sala estão conjugados, é uma residência precária, mas com artefatos suficientes para sobrevivência. Zé de Biró não está.

NINA

Zé!

JÚNIOR

(gritando)

Zé de Biróooo!

Nina, Pipo e Júnior se espalham pelo pequeno cômodo.

PIPO

Zé!

Ao fundo, onde apenas uma fresta rara de luz incide, há uma

espécie de poço. Nina se aproxima, olha para dentro.

NINA
(gritando)
Zéee!

O grito de Nina se transforma em um ECO. Pipo e Júnior se surpreendem e se aproximam.

JÚNIOR
Zé de Biróoo! Biróoo! Róoo! Óoo!

PIPO
Zéee! Zéee! Éee!

Nina, Pipo e Júnior se empolgam, acham o eco divertido e gritam cada vez mais forte.

NINA
Zé de Biróoo! Biróoo! Róoo! Óoo!

PIPO
Zéee! Zéee! Éee!

JÚNIOR
Poetaaa! Poetaa! Etaaa!

Júnior inclina seu corpo para dentro do poço, se desequilibra e, ao cair, puxa Nina, que puxa Pipo.

JÚNIOR
Aaah!

NINA
Aaaah!

PIPO
Socorro!

O ECO de seus GRITOS toma conta de todo o espaço. De cima, é possível ver os corpos das crianças flinando como folhas, ao passo que vão se adentrando no escuro do poço.

CENA 18 - INT. SALA DE ARQUIVOS - DIA

Júnior passa pela porta e cai no chão. Segundos depois, Nina e Pipo também passam pela porta e caem próximo a Júnior. Rapidamente os três se levantam, estão inquietos, caminham de um lado para o outro, tocam um no outro, estão ofegantes.

JÚNIOR
Isso foi...

NINA
Sinistro!

JÚNIOR
Que maluquice, haha!

PIPO
Tudo aqui, nada para trás.

Pipo toca em todas as partes do seu corpo.

PIPO
Tem outro portal.

Antônia e Ary se aproximam de Nina, Pipo e Júnior.

ANTÔNIA
O que aconteceu de tão "sinistro",
assim?

ARY
(para Júnior)
Quem vai chegar agora, cabeça?

PIPO
Cadê Zé?

ANTÔNIA
Que Zé?

NINA
O poeta.

ANTÔNIA
Não faço ideia.

PIPO
Ele não...

ARY
Ele nunca esteve aqui.

ANTÔNIA
Deixa de papinho, menino, o que tinha
lá?

ARY
(sorrindo)
Tá mais interessada do que parecia.

ANTÔNIA
Você não?

ARY
Sempre atenta.

ANTÔNIA
Diga aí, Nina, confio mais em você.

Nina a ignora.

NINA
O morro!

De súbito, Nina, Pipo e Júnior correm para fora da sala. Antônia e Ary se olham intrigadas, param de sorrir, Antônia está boquiaberta.

ANTÔNIA
Ela me deixou no vácuo mesmo?

Ary franze a testa, confusa.

CENA 19A - EXT. FRENTE DA BIBLIOTECA - DIA

O céu está limpo, azul, um fluxo médio de carros e motocicletas transita nas ruas. Ouve-se BUZINAS e VOZES indistintas de pessoas. Pipo aponta para os prédios do entorno. Antônia e Ary chegam, para na porta de entrada.

PIPO
Deveria ter alguma coisa ali.

Pipo vira para Antônia e Ary, que estão sérias.

PIPO
A gente viu alguma coisa ali, no portal e era de verdade.

ANTÔNIA
Como vocês viram algo tão extraordinário assim em pouco tempo?

Pipo tateia seus bolsos e retira a bala que pegou. Ele ergue a bala, a embalagem de papel laminado reflete os raios de sol. Todos olham admirados para aquilo.

NINA
Como assim pouco tempo?

ARY
Vocês voltaram rapidão.

NINA
Rápido quanto?

ANTÔNIA
(ao mesmo tempo)
5 minutos.

ARY
(ao mesmo tempo)
5 minutos.

NINA
Oxe!

JÚNIOR
Que?

Pipo permanece olhando para os prédios, segurando a embalagem de bala.

CENA 20 - EXT. PRAÇA DA CIDADE - DIA

Homens montam uma grande estrutura de ferro, é um palco. O sol incide fortemente, os homens suam, não há vento ou sombras de árvores na praça. Armando Cruz e Silva e Neto Cruz e Silva, homem branco, 25 anos, alto e malhado, acompanham a montagem. Armando cumprimenta todos os transeuntes e, enquanto uma gravação de celular é feita por sua secretária, ele performa grande simpatia, sorri e toca nas pessoas, sua camisa tem marcas de suor e seu rosto está vermelho. Quando a gravação para, ele muda bruscamente de feição, fica sério e se aproxima de Neto Cruz e Silva.

RADIALISTA (V.O.)
A cidade está mudada, minha gente. É a nova Lapa, é isso mesmo Meira? Só que viveu os tempos de completa desordem sabem o que a nova gestão fez para essa terra.

ARMANDO CRUZ E SILVA
(para Neto)
Vai cumprimentando as pessoas, não abra a boca, só sorria.

Neto Cruz e Silva cumprimenta as pessoas com um sorriso travado no rosto. A secretária tira fotos. Outros homens vestidos de roupa social se aproximam e junto com Armando e olham para os prédios do entorno.

ARMANDO CRUZ E SILVA

Venha ver, venha. Era um ermo. Não havia nada e agora olha como cresceu.

Os homens assentem.

ARMANDO CRUZ E SILVA

Não foi fácil não, mas nós somos "barris".

NETO CRUZ E SILVA

O senhor acha? Não achei tão difícil, o povo esqueceu mais rápido do que a gente imaginava.

Os homens olham para Neto Cruz e Silva, sérios. Armando Cruz e Silva fica tenso, respira fundo e rapidamente aborda um senhor que caminha na rua.

ARMANDO CRUZ E SILVA

Meu amigo, o senhor quem vai dizer o quanto está melhor, não é mesmo?

O senhor para assustado. Os homens acompanham Armando.

CENA 19B - INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - DIA

Nina, Pipo e Júnior estão em pé do lado de fora, na calçada, mas é possível vê-los de dentro da biblioteca. Curiosas, Ary e Antônia permanecem por perto.

ARY

Mas o que havia lá, hein?

ANTÔNIA

Vocês tiraram alguma foto?

NINA

Celular descarregou.

Nina pega o celular e ele liga normalmente.

ANTÔNIA

Qual é a de vocês? Estão escondendo algo.

NINA

E a de vocês? Há 10 minutos não botavam fé no que a gente falaria...

ARY

Vocês estão esquisitos.

JÚNIOR

Você conhece a gente.

Antônia senta ao lado de Pipo.

ANTÔNIA

Ei, fala comigo. O que aconteceu lá?

PIPO

Só vendo, Tota. Até painho e mainha tavam lá.

ANTÔNIA

Como assim?

JÚNIOR

Minha vó tem um fusca.

NINA

Só tem um jeito.

ARY

De que?

NINA

De mostrar.

ARY

E?

NINA

Voltar.

JÚNIOR

Bora.

Nina corre e entra na biblioteca, Pipo e Júnior também, vão em direção à sala de arquivos. Mas Ary é mais rápida e passa na frente deles.

ARY

Un-Un. Já chega de hora extra. Se vocês não querem falar, entrar também não vão.

JÚNIOR
Deixa de chatice.

ARY
Chatice é vir b.o. pro meu lado. Não.

NINA
A gente passou só 5 minutos lá, é difícil descrever tudo o que a gente viu. Não quero falar ao sem precisão para vocês.

PIPO
É rápido, a gente tem aula nem daria para ficar muito tempo.

JÚNIOR
Vai, por favor.

ARY
Até "por favor" tá pedido. Haha. Não.

JÚNIOR
Depois da escola, então?

ARY
Aí você me fode, tenho aula.

PIPO
E muito tarde, vai que nossos pais desconfiam.

ARY
Daria para ser umas 2.
(pausa)
Da tarde, no caso. A rua tá vazia, nem pé de gente passa por aqui. Ah, mas vocês têm aula. É até amanhã, então.

Ary começa a fechar as janelas.

JÚNIOR
"Qui", é fácil sair daquela escola. Só confirmar a hora que eu desenrolo.

NINA
Na minha é mais complicado.

PIPO
Não vai rolar.

ANTÔNIA
Quem disse que não?

Antônia abre um sorriso de canto de boca.

CENA 21 - INT. SALA DE JANTAR DE PIPO - DIA

A sala de jantar é ampla, a mesa tem seis lugares e o jogo de pratos é de uma porcelana nova, tem poucos móveis, mas uma boa iluminação. Sentados à mesa Pipo, Antônia, Tadeu e Jussara almoçam.

TADEU
Deu jornal que o maluco vai responder por peculato. Até demorou, agora nem sei se isso dá em muita coisa, nem deve ser preso.

ANTÔNIA
Ei, painho, como foi mesmo que você e mainha se conheceram?

TADEU
Na escola, por que?

ANTÔNIA
Nada não. E Dona Vera sempre foi sua vizinha?

TADEU
Minha não, de sua mãe.

ANTÔNIA
E como você conheceu ela?

TADEU
Na escola.
(gargalha)
Eita que escola boa de encontros.

PIPO
E Seu Nô?

TADEU
Seu Nô? Quem é?

PIPO
O avô de Clarinha da catequese.

TADEU
Ah, minha nossa, há anos não vejo Seu

Nô. Lembro-me dele na escola também.
 Ele era o que, meu Deus...
 (pausa)
 Você lembra Jussara?

Jussara continua comendo, desatenta à conversa.

PIPO
 Qual era o nome dela?

TADEU
 De quem?

PIPO
 Da escola.

TADEU
 Era Escola...
 (pausa subitamente)
 É...

Antônia e Pipo olham para Tadeu, ansiosos. Tadeu tem olhos perdidos, se descontenta consigo mesmo por não lembrar, está constrangido.

TADEU
 (disfarçando o constrangimento)
 Vixe, está difícil por aqui. Você se lembra Jussara?
 (pausa)
 Jussara? Jussara?

ANTÔNIA
 Mãe!

JUSSARA
 Oi! Desculpa.
 (rindo)
 Distraída aqui...

TADEU
 Se lembra do nome da escola que estudamos?

JUSSARA
 Eita, lasqueira, agora me pegou. Isso é coisa de Antônia, né?

PIPO
 Eu que perguntei.

JUSSARA

Você também?

Antônia está gravando a conversa com o seu smartphone, olha para Pipo e faz um sinal com a mão para ele seguir.

PIPO

Em alguma época a Lapa ficava cheia de gente, tipo turista?

TADEU

Tinha um feriado longo aqui, a praça ficava lotada...

JUSSARA

Mas será que eram turistas ou gente da cidade?

TADEU

Não consigo lembrar.

Antônia interrompe a gravação, assente para Pipo. Antônia manda mensagens pelo smartphone, é possível ver dois anexos enviados em uma conversa com Ary, acompanhados das mensagens "use oq tiver melhor/ aí é só seguir o texto/mas é pra ligar umas 13h".

JUSSARA

Antônia, agora?

ANTÔNIA

Foi mal.

Ouve-se um SOM DE NOTIFICAÇÃO, é uma mensagem de Ary e está escrito "o de Nina já tá pronto".

ANTÔNIA

Bora né pisquilo, vamos a pé hoje e não que me atrasar.

(bebe um gole de suco)

Hoje não.

CENA 22A - INT. DIRETORIA COLÉGIO INOVE - DIA - INÍCIO DA TARDE

A sala é pequena e bem clara, tem uma mesa e uma estante repleta de troféus, certificados e fotografias. O telefone toca. Norma, diretora do colégio Inove, uma mulher branca, 50 anos, de cabelos tingidos de loiro, está sentada junto à mesa e atende o telefone.

NORMA

Boa tarde. Sim, é ela. Oi, Tadeu, como vai?

TADEU

(voz de inteligência artificial)
Vou bem, os meninos que não.

Paralelamente, Antônia e Pipo caminham nas ruas com a farda da escola.

TADEU

(voz de inteligência artificial)
Estão resfriados, por essa razão eles não irão na escola hoje.

NORMA

Não são os únicos, uma colega da turma de Felipe também está bem ruim. O pai avisou mais cedo. É o tempo, muito seco. Sim.

Antônia e Pipo desviam o caminho, entram em uma viela e encontram com Nina, Júnior com sua bicicleta e Ary está encostada em uma motoneta. Nina segura um smartphone no viva voz próximo de Ary.

NORMA (V.O.)

Mas fique tranquilo. Tudo certo.
Melhoras para eles.

Ary digita a frase "muito obrigado, querida. Até mais" no smartphone e a voz de Tadeu sai do aparelho.

TADEU

(voz de inteligência artificial)
Muito obrigado, querida. Até mais.

Pipo sobe na parte traseira da bicicleta de Júnior, enquanto Nina e Antônia sobem na garupa da motoneta de Ary.

CENA 22B - EXT. VIELA DA CIDADE - DIA - INÍCIO DA TARDE

As ruas asfaltadas estão calmas, não há carros na rua, poucas motocicletas passam. Júnior e Pipo seguem na bicicleta pela avenida, enquanto Nina, Antônia e Ary entram em uma rua transversal. Elas fazem uma espécie de zig-zag por entre as vielas, na tentativa de evitar que pessoas as vejam. As estreitas ruas possuem um asfalto de baixa qualidade, esburacados e não há sinalizações. A motoneta dá pequenos saltos.

NINA

Só hoje infringindo todas as regras e leis possíveis.

ANTÔNIA

Sem nóia, que você é filha de advogado.

Após a motoneta entrar em cada uma das vielas, é possível ver uma grande caminhonete passando na rua ao fundo, como se estivesse seguindo-a. Em certa viela, Zé de Biró está caminhando de costas para Ary, Antônia e Nina.

NINA

É Zé. Para.
(dá tapas nos ombros de Ary)
Para.

Ary para a motoneta. Antônia e Nina descem.

NINA

Ele é o único que sabe e a gente precisa...

A caminhonete cruza em frente Nina, Antônia e Ary, freia bruscamente, o PNEU fricciona no asfalto fazendo um forte RUÍDO, o vidro do banco do motorista se abaixa, é Neto Cruz e Silva, que fita todas elas por alguns segundos. A caminhonete segue, e Zé de Biró não está mais na rua.

CENA 22C - EXT. FRENTE DA BIBLIOTECA - DIA - INÍCIO DA TARDE

Ary estaciona a motoneta. Antônia segue na frente, Nina caminha lentamente, a ponto de Ary, após desligar a motoneta e pegar sua mochila no pequeno bagageiro, chegar à porta da biblioteca primeiro. Júnior e Pipo se aproximam segundos depois.

JÚNIOR

Que carroça, hein. Demoraram que só.

Todos entram, Ary olha o entorno cuidadosamente, fecha a porta principal e não abre nenhuma das janelas.

CENA 23 - INT. SALA DE ARQUIVOS - DIA - INÍCIO DA TARDE

Nina, Pipo e Júnior vão em direção à porta que dá acesso ao portal. Em seguida, Antônia segue na mesma direção. Ary permanece na porta que dá acesso ao corredor. Antônia olha para trás e vê Ary parada, olhando em direção à porta principal.

ANTÔNIA

E agora, qual foi, desistiu?

ARY

Não rola, e se alguém se chega aqui? E se todo mundo fica preso lá? Aquela parada com vice-prefeito foi estranha, vai que ele...

Uma PORTA de fecha. Ary e Antônia se assustam. Foi o portal, estão apenas elas duas na sala.

ARY

Vai!

Antônia se aproxima de Ary, seu rosto fica próximo ao dela, elas se olham. Mas apenas alguns dos seus dedos Antônia tocam na mão de Ary.

CENA 24 - EXT. ESCOLA ANOS 90 - DIA - TARDE

O pátio da escola está completamente vazio, as portas das salas estão fechadas. O chão está coberto por uma fina camada de folhas caídas. É possível ouvir o canto dos PÁSSAROS. Nina, Pipo e Júnior avançam com passos cautelosos pelos corredores da escola, olham ao redor, hesitantes. Júnior para em frente ao mural de fotografias, em uma delas Dona Vera está montada na garupa de uma motoneta pilotada por outra mulher e segura uma bandeira. Nina chega por trás.

NINA

Olha Dona Vera, "moss".

PIPO

O que é?
(rindo)
Sua vó era palosa.

Júnior está sério.

NINA

Têm mais aqui. É sua mãe?

Uma fotografia de Jussara com um maiô em um concurso de beleza.

JÚNIOR

Pra frente ela, né?

NINA

Igual a Antônia.

PIPO
(rindo encantado)
Amostrada!

NINA
O moço da padaria de Jó.

PIPO
Acho que é Jó.

JÚNIOR
Jó já sorriu na vida.

Os três riem. Caminham pelo corredor e chegam na frente da escola, o portão de grades está fechado, Pipo se aproxima e pega em um grande cadeado que o tranca.

PIPO
Ferrou.

Pipo se afasta, Nina se aproxima, olha a para cima, o portão é alto. Nina começa a escalar as grades com agilidade. Seus dedos seguem os contornos de barras enquanto ela sobe. Pipo e Júnior, a observam boquiabertos. Quando Nina alcança o topo, Pipo e Júnior hesitam, seus olhares se encontram. Nina pula, já no outro lado das grades limpa as mãos.

NINA
Vão ficar aí parados?

Nina se vira para a rua, seus olhos brilham. Pipo e Júnior trocam um olhar determinado e, como que impulsionados por um acordo silencioso, começam a escalar as grades.

CENA 25A - EXT. RUAS DA CIDADE ANOS 90 - DIA - TARDE

Ruas de paralelepípedo e estreitas se estendem diante de Nina, Pipo e Júnior, desertas. As casas têm fachadas coloridas e desbotadas alinhadas ao longo do percurso. Os raios de sol filtram-se através das copas de árvores de médio porte que ficam nas calçadas, criando um jogo de luz e sombra. Toca a música "Pirão de Peixe com Pimenta" de Sá e Guarabyra, enquanto Nina, Pipo e Júnior caminham no meio da rua, Júnior corre na frente, faz poses em frente à uma casa, os três riem. Eles gesticulam entusiasmadamente e apontam para diferentes direções.

PIPO
Isso é massa! Mas sabe que o que eu tava pensando?

NINA

O que?

JÚNIOR

Desde que não seja nóia sua.

PIPO

É como se tivéssemos descoberto um segredo. Mas será por que?

JÚNIOR

Tá vendo. Nóia.

PIPO

Vocês não se perguntam por que ninguém se lembra? Por que tá tão diferente? Por que parecem que esconderam um lugar dentro de outro lugar?

(pausa)

É como se o tempo tivesse parado aqui.

JÚNIOR

O negócio tá feio.

Nina cutuca Júnior, se aproxima de Pipo.

NINA

Talvez esteja parado.

Júnior e Pipo param por um momento, seus semblantes também se tornam pensativos. Eles olham para as casas, o entorno deserto e silencioso. A música para.

JÚNIOR

Como assim? E como a gente tá andando?

NINA

(revira os olhos)

Tsc, modo de dizer. Não parado como estátuas, congelado. Mas parado como um lugar de espera, eu acho, como se tivesse esperando a hora de voltar...

Nina para de caminhar e olha para o morro, intrigada.

NINA (CONT.)

E se é ele quem guarda?

Júnior também para, absorvendo a ideia de Pipo.

JÚNIOR

Que papo viajão, não tô entendendo nada.

PIPO

Tipo a história?

NINA

Tudo o que a gente se lembra.

O morro cresce ao fundo.

CENA 25B - EXT. PRAÇA DA CIDADE ANOS 90 - DIA - TARDE

Um grande estande está montado, parece um container, sua arquitetura contrasta com as barracas de roupas e artesanatos do entorno. Nina, Pipo e Júnior caminham pelas calçadas e logo chegam à praça.

NINA

Maneira um pouco, viu Júnior? Fica dando muito pala.

JÚNIOR

Respeita minha história.

PIPO

Não é brincadeira não, véi. A gente pode...

JÚNIOR

Que negócio é aquele?

PIPO

Já vem mudando de assunto.

(olha para o estande)

Eita. Isso não tava aqui ontem. Se é que ontem foi ontem mesmo.

NINA

(intrigada)

Que estranho.

De dentro dele sai Neto Cruz e Silva segurando um cartaz, ele o pendura na entrada do estande, nele está uma imagem de Armando e Neto Cruz e Silva acompanhado de um letreiro "Novos Tempos, Nova Lapa".

Um menino, pardo, 12 anos, caminha pela praça, segura uma bola de futebol. Ele vai em direção à outro menino, pardo, 13 anos, canelas cumpridas, que está sentado no meio fio, no

chão próximo aos seus pés estão materiais de engraxate. O menino que estava sentado se levanta, bate na mão do que segura a bola e coloca a caixa de engraxate nas costas. Júnior para de olhar para o estande e observa os meninos, aproximando deles lentamente.

Um caminhão pau-de-arara faz um forte RANGIDO. Com uma freada brusca, o caminhão para no posto de gasolina em frente à praça. Pessoas estão na sua carroceira e reclamam, ouve-se vozes indistintas e um choro de uma criança.

ROMEIRO 1

(batendo na traseira do caminhão)

"Cê" num tá levando boi, não, macho!

Pipo deixa de observar a praça e a movimentação em torno de Neto, redireciona sua atenção para o caminhão e vai em direção ao veículo.

Nina é a única que continua a observar o estande e a praça. Ela se aproxima lentamente do estande. De repente, Neto vira seu olhar em direção à garota, notando-a, ele olha diretamente para câmera.

CENA 25C - EXT. FRENTE À PRAÇA ANOS 90 - DIA - TARDE

Os dois meninos caminham para fora da praça, na direção contrária ao morro.

JÚNIOR

(assobia)

Psiu, ei!

Júnior corre e se aproxima dos meninos.

JÚNIOR

(apontado para a caixa de engraxate)

O que é isso aí?

MENINO ENGRAXATE

Te conheço?

JÚNIOR

Namoral, véi.

MENINO ENGRAXATE

Namoral o que, doido? Bora, não dá ousadia não.

JÚNIOR
 Ei! Vão jogar, é?

Os meninos seguem caminhando e Júnior vai atrás.

JÚNIOR
 Mas onde vocês jogam, sua casa tem
 quintal? É grande?

O menino que segura a bola olha para trás.

MENINO ENGRAXATE
 Deixa quieto, bora.

JÚNIOR
 E sua mãe deixa? Essa bola é de
 capotão mesmo? De verdade?

Os meninos se entreolham.

MENINO DA BOLA
 (sussurrando)
 De verdade?

O menino da caixa de engraxate balança a cabeça
 negativamente.

MENINO DA BOLA
 E se ele..

MENINO ENGRAXATE
 Não dá conversa a doido, não.

MENINO DA BOLA
 Mas falta um, lembra? Rubinho não vai.

MENINO ENGRAXATE
 Faz mal não.

JÚNIOR
 Eu pego bem na zaga.

O menino da caixa de engraxate para, vira para Júnior.

JÚNIOR
 Quer jogar, maluco?

Júnior abre um largo sorriso e corre para ficar ao lado dos
 meninos.

CENA 26A - EXT. CAMPO DE AREIA ANOS 90 - DIA - TARDE

Em um campo de areia, com umas casas de muro chapiscado ao redor, é possível ver a copa de algumas palmeiras de côco dentro dos terrenos murados. De um chafariz de parede jorra um fio de água. Dois meninos, 12 anos, lavam o rosto, pendurado em um dos ombros de cada um, estão pares de chuteira.

Os dois meninos se juntam a outros cinco, todos vestem a mesma camisa, branca e com uma faixa preta. Alguns estão sentados embaixo de uma árvore, no chão, outros se apoiam em caixas de isopor e de engraxate. Em uma caixa está escrito 'geladinho', na outra 'cocada/quebra-queixo'. Um menino bate uma chuteira na outra, uma leve fumaça de poeira sai deles, os meninos do grupo riem e se abanam, o menino calça as chuteiras.

O menino da bola e o menino da caixa de engraxate se aproximam do grupo, eles se agacham, tiram algumas notas de cruzeiro de dentro do tênis e dão para o menino mais alto do grupo e recebem sua camisa. Júnior está mais atrás e olha para todos os lados.

JÚNIOR

Oxe, eu sei onde é isso aqui...tá diferente pra 'porra', mas é perto da rua de...

Um apito TOCA.

A bola é jogada para cima e todos os meninos correm atrás dela. A bola passa próxima de Júnior, um dos meninos o empurra.

MENINO DA BOLA

O cunhado de Nena chegou! O fotógrafo!

MENINO ENGRAXATE

Agora o jogo da camisa tá completo!
Iuuuu!

Júnior sorri e corre atrás da bola.

Na medida em que os meninos jogam bola, é possível ouvir o SOM da captura das fotos e, gradativamente, os movimentos passam a ser registrados como fotogramas, frame por frame, e em todos eles Júnior aparece em absoluto desfoque, como um vulto indecifrável.

CENA 25D - EXT. FRENTE À PRAÇA ANOS 90 - DIA - TARDE

Pipo se aproxima do caminhão, o motorista desce, um romeiro de 40 anos desce da carroceira e auxilia as demais pessoas a descerem. O frentista vai ao encontro do motorista.

FRENTISTA

Completa?

MOTORISTA

Metade só.

ROMEIRA 1

Tá é doido, homi. Isso não se faz não.
Não tem cristão que aguenta.

Pipo está parado bem próximo à carroceria, boquiaberto.

FRENTISTA

Pronto, patrão.

O motorista dá notas de cruzeiro para o frentista.

MOTORISTA

Deus abençoe aí.

FRENTISTA

Amém.

MOTORISTA

Bora povo, sobe.

As pessoas sobem, uma a uma. Rapidamente, mais pessoas começam a subir, duas de vez, três de vez, sobem muito mais pessoas do que aparenta caber na carroceria, o que gera um pequeno tumulto em torno do caminhão. O pequeno conglomerado de pessoas cerca Pipo, que fica no entre as diversas pessoas, ele tenta sair, em vão. O caminhão custa dar a partida.

ROMEIRA 3

Ô, minha Nossa Senhora da Soledade,
será que o 'trem' quebrou.

De repente, uma mão o segura pela cintura, levantando-o e o coloca em cima da carroceria. O caminhão dá a partida e segue pelas ruas. Pipo está em pé e cai sobre o colo de uma senhora.

ROMEIRA 1

Deixa de estripulia, menino. Vai sentar.

Sentado em meio às pessoas, Pipo as observa. O caminhão está cheio, mas não superlotado. A maioria são negros, vestem roupas de algodão cru ou xita, algumas mulheres possuem lenços estampados amarrados na cabeça. Os homens estão com camisas de botões semiabertas e os mais velhos fumam paiol. Crianças também estão sentadas, tem um bebê de colo, acobertado por uma manta de algodão. Outras duas já são maiores, possuem 5 e 7 anos. Todos eles, adultos e crianças, carregam na cabeça um chapéu panamá branco adornado com uma fita de cetim verde.

CENA 27 - EXT. RUAS DA CIDADE ANOS 90 - DIA - TARDE

Pessoas caminham a pé pelas ruas, muitas delas descalças. Algumas carregam potes de barro na cabeça, outras imagens de santos. Tudo é observado na perspectiva de quem está na carroceria. O caminhão dá um pequeno solavanco e RANGE fortemente.

ROMEIRO 1

Segura a 'embreage'.

ROMEIRA 2

Valha-me, meu Bom Jesus.

CRIANÇA ROMEIRA

Já chegou?

ROMEIRA 3

Já, já, 'nestante' chega.

O caminhão para, as pessoas descem, o motorista olha pelo retrovisor, é possível ver Pipo sentado.

MOTORISTA

(assobia)

Ei, menino, caça seu rumo.

Pipo se assusta, arregala seus olhos, vai para extremidade da carroceria e segura firme na madeira de sua lateral.

MOTORISTA

Tenho tempo não, meu filho. Desce.

Desconfiado, Pipo pula para fora do caminhão e cai com as mãos apoiadas no chão. O caminhão sai. Ele se levanta, cabisbaixo, limpa as mãos, ao levantar a cabeça, seus olhos brilham.

CENA 28 - EXT. RUA AO PÉ DO MORRO - DIA - TARDE

Nina se inquieta, desvia o olhar, abaixa a cabeça e muda a direção do seu caminhar, seguindo para a rua que fica ao pé do morro, caminha sem olhar para trás. Com uma certa distância do estande, no entanto, se vira, vagorosamente, e avista Armando ao lado de Neto olhando em sua direção. Abruptamente, a garota vira para frente, acelera o passo e, aos poucos, um semblante de estranheza habita seu rosto.

NINA

Que 'diacho' eles estão fazendo aqui.

Um SOM de pandeiros e lâminas batendo uma na outra ecoa ao longe, juntamente com passos fortes. Os sons chamam a atenção de Nina que procura sua origem.

Em uma viela, escura e estreita, caminhando em direção ao morro, um grupo de homens, mulheres e crianças, enfileirados, reproduzem um tipo de coreografia típica da Marujada. Nina se aproxima.

CORO MARUJADA

Viva, viva, viva.
 O Espírito Santo.
 E nos trouxe o céu e a Terra.
 Embrulhado no seu manto
 Todos com prazer
 Em Terra, saltamos.
 o louvor o Espírito Santo.
 Nós aqui Chegamos

A disposição dos integrantes do grupo forma uma nau, gradativamente, se desfaz formando duas filas, uma de frente a outra e no espaço entre as duas, quatro homens dançam em dupla, cada um segurando uma espada. Eles batem uma espada na outra, seguindo o ritmo da canção que o grupo entoia. Nina está boquiaberta, observando de uma das esquinas.

CORO MARUJADA

Nós aqui chegamos.
 Nessa Terra Boa
 E daqui nós não saímos.
 Nós viemos de Lisboa.
 O Viva, viva, viva
 O Espírito Santo.

Mais a frente, sai de outra viela, um grupo de mulheres vestidas de branco ensaiando cânticos, elas entram na rua ao pé do morro, onde Nina está.

CANTO DAS MULHERES

O bom Jesus da lapa
 A ninguém nega favor
 Seja pobre seja rico
 Inocente ou pecador

O tom de voz é agudo, gutural e lamentoso, o é ritmo monótono e repetitivo, Nina é tomada por olhar vago, expressando um estado de abstração e alheamento.

CANTO DAS MULHERES

Na gruta da penedia
 Pendem milagres a flux
 São graças que cada dia
 Nos concede o bom Jesus

NINA

Eu nunca ouvi isso antes, parece ser
 música.

As mulheres se distanciam, juntamente com o cântico, até desapareceram. Nina retorna ao seu estado normal.

CENA 29A - EXT. BEIRA DO RIO - DIA - TARDE

Uma larga faixa de areia se estende à beira do Rio São Francisco. As pessoas que estavam no caminhão pau-de-arara, se banham nas águas e enchem moringas. Um carro popular de pequeno porte para, um casal desce e se escoram no automóvel, olhando para o rio. Jovens tomam banho. Remeiros dormem sobre a tolda da cona e em esteiras de palha de carnaúba na areia. Canoas estão atracadas na beira do rio, na proa de todas estão carrancas, monstros talhados em madeira. Uma criança que corre na beira do rio e mergulha em suas águas.

PDV DA CRIANÇA

Submersa na água, é possível ver frestas de luz incidindo, o fundo das canoas atracadas, pés de remeiros balançando sobre as águas.

REMEIRO 1 (V.O.)

Vi nego d'água na cabeça dessa ilha
 aqui, rapaz, eu soltei a rede ali aí
 fui descendo. Quando penso que não, a
 boia lá de fora, a cabaça sumiu.
 Falei, não é possível. Estava
 enganchando e puxando para baixo.

REMEIRO 2 (V.O.)

Que a cabeça dele parece um coitel,

uma cabaça. Os olhos dele é só dois furos aqui, aqui nos ouvidos, só 2 furos também. Aqui o nariz é um furo, a boca é um negócio assim ó, a boca dele não é igual a nossa, é atravessada.

REMEIRO 1 (V.O.)

Aí quando eu vi era ele brincando comigo, toda vez que eu passo aqui nesse lugar, acabou que o nego d'água brinca com a gente. É impressionante como é, como é que a gente dá certo? Não sabe? Aí ele fica brincando com a rede para lá e para cá.

REMEIRO 2 (V.O.)

Ele não parece gente não. As mãos dele parece uma nadadeira de peixe assim, ó, sabe? Uma nadadeira de um peixe com uns esporão assim, uns dentes, sabe? Os pé parece um pé-de-pato.

REMEIRO 3 (V.O.)

Ele não é igual a nós, né? Ele parece mais um bicho de outro planeta, mas é um bicho d'água. Um ser da água, é diferente.

REMEIRO 1 (V.O.)

Um dia eu falei, 'nego d'água, manda uns peixes' aí num instantinho, a rede enche de peixe, você não sabe, meu filho, é desse jeito. Eu trago fumo para ele e ele gosta, viu?

Carrancas embaçadas pelo movimento perene da água turva e o morro ao fundo, distante e embaçado.

FIM DO PDV

Caminhonetes e carros menores circulam nas proximidades. Pipo se aproxima do rio, banha seus pés, atrás dele é possível ver o morro que parece ficar cada vez maior.

CENA 30 INT. SALÃO PRINCIPAL DA BIBLIOTECA - DIA - ENTARDECER

Ary está sentada atrás do balcão, Antônia caminha de um lado para o outro e, constantemente, olha para dentro da Sala de Arquivos. Ary a observa, preocupada.

ANTÔNIA

Eles estão demorando muito, né, não?
Já tá escurecendo. E se eles não
voltarem? O que eu vou falar lá em
casa? E você aqui, ai...

Ary levanta, pega um copo d'água em um bebedouro que fica na
parede, vai até Antônia e a oferece o copo.

ARY

Até parece que você nunca deu um
perdido quando era 'piveta'.

Antônia bebe toda a água em um único gole. Ary puxa duas
cadeiras, senta em uma, Antônia senta na outra.

ANTÔNIA

Já, no carnaval ainda. Lembra quando
tinha festa na rua?

ARY

Um pouco... Mas olha aí, tá vendo,
relaxa, 'véi'. Deixa os meninos terem
história pra contar.

Antônia ri, elas se olham em silêncio e dão um beijo na boca.
Antônia apoia sua cabeça no ombro de Ary, que a envolve com
um dos braços.

ANTÔNIA

Engraçado como têm coisas que somem da
nossa cabeça, né? Você tem razão, as
vezes eles precisam de algo para ter
história. Presenciar para se sentir
viva.

ARY

Bonito isso, mas se só ver desperta
isso, a biblioteca tá lascada.

ANTÔNIA

Não é isso, para... Inclusive eu faço
ideia do porque aqui ter pouquíssimos
livros. E esse povo não tá nem aí,
sabe? Nem aí pro que veio antes, nem
aí pra nada. Sei lá, nunca vi um livro
sobre aqui, tá ligado?

Ary escuta encantada, sorri, Antônia se levanta e gesticula
freneticamente.

ANTÔNIA (CONT.)

Sobre a gente veio parar nesse confim.
Eu só sei que eu nasci na Policlínica
e que agora ela é um Igreja
Evangélica. Memória não devia
acompanhar a gente?

Ary se inquieta, se levanta, vai até atrás do balcão, parece procurar algo.

ARY

Repete esse negócio aí, rapidão.

ANTÔNIA

Tá ligada que quem disse isso foi
você, né? Outro dia quando a gente
tava conversando do livro...

Ary se levanta, de súbito, e se movimenta freneticamente,

ARY

Não, isso não, o que você falou antes.

ANTÔNIA

Da Igreja?

ARY

Antes.

ANTÔNIA

Que a gente mora no fim do mundo?

ARY

Achei!

ANTÔNIA

Que ninguém sabe de onde viemos.

Ary encontra o emaranhado de papéis, juntamente com a fita verde, que achou no dia da chuva. As duas folheiam os papéis com atenção e, após alguns segundos, se olham pasmadas.

CENA 26B - EXT. CAMPO DE AREIA ANOS 90 - DIA - ENTARDECER

O SOM do apito indica o fim do jogo. Júnior está suado, sem a camisa, ofegante e sorridente. Ele cumprimenta todos os meninos com um toque nas mãos e um curto abraço. colegas, mas os fogos e os sons chamam a sua atenção.

Fogos de artifício invadem o céu. O SOM estridente chama a atenção de Júnior, os meninos parecem nem escutar. Os fogos

aparecem novamente, desta vez acompanhados de GRITOS e CÂNTICOS indecifráveis, bem distantes. Júnior vira um lado e para o outro, parece procurar alguém.

JÚNIOR

Eita, lasqueira, cadê eles?
 (para o meninos do jogo)
 Vocês viram uns meninos que tavam
 comigo?

Um dos meninos aponta para o menino da bola e o menino engraxate. Júnior respira fundo e vai até eles.

JÚNIOR

Ei, vei, vocês viram um menino
 magrinho, assim de sua cor, e uma
 menina alta, do cabelo grandão cheio
 de cachos?

MENINO ENGRAXATE

Vi não, maluco. E aí, mora onde? pelo
 centro, né?

JÚNIOR

(sério)
 Uhum. E você, viu?

O menino da bola acena com a cabeça negativamente.

JÚNIOR

Agora ferrou.

Os fogos invadem o céu outra vez, novamente acompanhados de GRITOS e CÂNTICOS indecifráveis. Júnior se despende dos meninos e resolve seguir o som, que vêm na direção do morro.

CENA 29B - EXT. BEIRA DO RIO - DIA - ENTARDECER

Todas as pessoas saem em direção ao morro, até os remeiros, que cobrem suas canoas. Pipo observa o movimento retirante.

Fogos de artifício invadem o céu. O SOM estridente assusta Pipo, que tapa os ouvidos. Mas os fogos não cessam, desta vez acompanhados de GRITOS e CÂNTICOS indecifráveis, bem distantes.

O último grupo de pessoas caminha em direção ao morro, Pipo corre, acompanhando-o.

CENA 31 - EXT. RUAS DA CIDADE ANOS 90 - NOITE

MONTAGEM

Júnior corre nas ruas. Pipo caminha apressadamente. Pessoas cruzam com os meninos, em lugares distintos, elas seguem na direção contrária do morro, parecem automatizadas.

ANTÔNIA (V.O.)

A gruta do Bom Jesus foi descoberta no século XVII por um vaqueiro ou pelo Monge Francisco de Mendonça Mar, de acordo com duas versões mais recorrentes sobre a origem do santuário. A região já era habitada pelos povos indígenas Tapuias. Todavia o povoamento só veio a tomar impulso com a chegada de Francisco de Mendonça Mar, em 1691, que, após ter uma visão espiritual, saiu em peregrinação de Salvador até a cidade do Médio do Rio São Francisco, levando em suas mãos a imagem do Jesus crucificado. Aos poucos, pessoas foram ocupando a região, guiadas pela fé no Bom Jesus. Dali se iniciou a romaria.

ARY (V.O.)

Anualmente, romeiros saem em peregrinação com destino ao Santuário de pedra e luz. A pé, de ônibus ou pau-de-arara, seguem em procissão ao morro de calcário, banhado pelas águas do Rio São Francisco, que abriga grutas santas e sedia a terceira maior romaria do Brasil: a romaria do Bom Jesus da Lapa.

Uma mulher deixa cair um folheto, semelhante a um santinho de político, ele voa e para próximo a Pipo. Pipo se abaixa, pega o folheto, nele há uma fotografia de Armando e Neto Cruz e Silva. Enquanto Pipo vê aquilo com desconcerto, Júnior se esbarra nele.

FIM DA MONTAGEM

PIPO

Socorro!

JÚNIOR
 (fazendo gestos de artes maciais)
 Não vem não, que eu manjo dos
 'paranauê'.

PIPO
 (irônico)
 É nada.

JÚNIOR
 Ah, é você.

PIPO
 (concomitante a Júnior)
 Onde você tava, véi?

JÚNIOR
 (concomitante a Pipo)
 Onde você tava, véi?

PIPO
 Longa história.

JÚNIOR
 Nem te conto.

PIPO
 Me colocaram em cima de um caminhão,
 do nada.

JÚNIOR
 Eu joguei um baba, bota fé?

Pipo e Júnior caminha lentamente. De súbito, olham entre si.

PIPO
 (ao mesmo tempo)
 Cadê Nina?!

JÚNIOR
 (ao mesmo tempo)
 Cadê Nina?!

Pipo e Júnior correm, rapidamente, uma multidão ocupa as ruas, e eles precisam desviar das pessoas.

CENA 32 - EXT. RUA AO PÉ DO MORRO ANOS 90 - NOITE

Adultos, crianças, idosos, jovens e famílias inteiras caminham em direção ao morro e ocupam todos os cantos da via. Os fogos e os cânticos se misturam gritos de "Viva" estão

cada vez mais altos e límpidos. Nina ouve atentamente e segue o fluxo.

VOZ NO ALTO FALANTE

(cantando)

Já chegou! Cantem todos! Já chegou a
romaria de paz, já chegou a romaria de
amor, Senhor Bom Jesus da Lapa é o
nosso salvador.

De repente, alguém puxa seu braço, a menina se digladia, mas rapidamente percebe que são seus amigos Pipo e Júnior.

NINA

Tá doidão?

PIPO

(concomitante a Júnior e Nina)

Você sumiu!

JÚNIOR

Tava onde, 'fía'?

(concomitante a Pipo e Nina)

NINA

(concomitante a Pipo e Júnior)

Ai, que susto. Onde vocês se meteram,
véi?

O fluxo de pessoas está aumentando e as crianças são obrigadas a seguirem.

MONTAGEM

Rapidamente, chegam em uma esplanada, em volta do morro com inúmeras pessoas. A maioria usa um chapéu panamá branco com uma fita verde em volta.

ANTÔNIA (V.O.)

A fé dos romeiros, sertanejos e
peregrinos é a pujança da cidade, hoje
considerada a "Capital Baiana da Fé".

ZÉ DE BIRÓ (V.O.)

A fé que orienta os romeiros do bom
jesus
Habitou meus olhos em prematuros
fascínios
Peregrinos e sertanejos, em seus
passos, versos e destinos

Com a força que insiste e germina,
feito pedra e luz
Tampouco previa seu declínio

Alguns sobem a esplanada de joelhos, outros carregam garrafas de água e imagens de santos. Muitas velas estão acesas, umas estão em velários, outras são carregadas por romeiros. As pessoas entram no morro. Lá, há um grande santuário, em grutas repletas de estalactites e estalagmites. Os romeiros cantam. Pipo encontra uma fita verde no chão e guarda consigo.

ZÉ DE BIRÓ (V.O.)

A cidade banhada pelo Velho Chico
Foi constituída por mitologias
Quando um Frei guiado pelo vislumbre
de uma visão
Cruzou o sertão para fazer de uma
gruta sua moradia

Ary e Antônia sobem na motoneta; a secretária de Armando Cruz e Silva fecha a biblioteca; as pessoas se juntam na praça da cidade; próximo ao palco estão funcionários e homens engravatados; Armando e Neto Cruz e Silva sobem ao palco. Pessoas se juntam na praça da cidade. Armando e Neto Cruz e Silva sobem ao palco.

ZÉ DE BIRÓ (V.O.)

As velas iluminam o santuário. Os romeiros seguem em procissão. Há uma outra sala, com réplicas de pés, mãos e corpos humanos talhados em madeira. Diversas fotografias 3x4, objetos pessoais, cartas, capacetes e maquetes de casas. Cânticos ressoam. As crianças vivem uma mistura de encanto e assombro.

ZÉ DE BIRÓ (V.O.)

Fincou uma imagem do Bom Jesus
em uma das pedras de calcário
E a gruta se fez santa
Pessoas se ajuntaram, guiadas pela fé
De pedra e luz levantou-se um
santuário

Nuvens começam a ocupar o céu. Aos poucos, o morro começa a aparecer, mas as nuvens ficam cada vez maiores e densas. A multidão se dá conta do entorno e se dispersa, pessoas caminham de um lado para o outro com uma mistura de encantamento e desespero.

ZÉ DE BIRÓ (V.O.)

Não disse, porém, com quem o primeiro
peregrino fez morada
Nas todas de pedras pontiagudas
Viveu ao lado de uma onça
E uma serpente emplumada

Nina, Pipo e Júnior caminham por grutas cada vez mais estreitas e escuras, até um clarão a iluminar por completo, ao longe, voando por todos os lados, ao lado de corujas e morcegos, uma serpente solta fogo iluminando todo o espaço.

ZÉ DE BIRÓ (V.O.)

Mas olhem só, vou lhes dizer
Para não perigar nos convencer de uma
história única contar
O fato é que a memória da nossa
história é anterior ao que os
poderosos querem datar.
Como um rio, os inícios e fins da
memória
Estão em perene movimento,
em contínuo devir a ser revisitado
Dizem que o hoje é tempo de nova lapa.
Mas imagine quantos foram apagados
É tempo de mirar futuros, passados e
presentes reinventados

Nina, Pipo e Júnior observam paralisadas e estupefatas, boquiabertas. Um clarão cai sobre eles, fazendo-os desequilibrar e cair, cada um, em uma fenda entre as pedras.

FIM DA MONTAGEM

CENA 33 - INT. CASA DE ZÉ DE BIRÓ - NOITE

Nina, Pipo e Júnior caem no meio da casa, o espaço é idêntico ao do passado. Zé de Biró está na parte de fora, é possível vê-lo através da porta, que está escancarada. Ele olha para dentro da casa e chama Nina, Pipo e Júnior, fazendo o tradicional cumprimento à Nina.

Nina, Pipo e Júnior se levantam, ainda desconcertados e ofegantes, vão ao encontro. Ao saírem, avistam prédios apequenados, ruas asfaltadas, vários postes iluminando-as, ouve-se três SONS distintos de notificação de mensagem. Nina, Pipo e Júnior pegam seus smartphones, que estão funcionando normalmente. Eles caminham para o centro do campo e olham o entorno, o morro está lá, impávido.

Nina ergue a cabeça para os céus, e em segundos uma grossa

gota de chuva cai sobre sua testa. Rapidamente, os pingos se intensificam e uma nova chuva torrencial cai sobre a cidade.

CENA 34 - EXT. RUAS DA CIDADE - DIA

Faz sol, as ruas estão asfaltadas e refletem a luz solar, há um pequeno fluxo de motocicletas e carros, muitos ônibus estão parados. Pessoas circulam, usam smartphones. Há uma grande CACOFONIA, pessoas CONVERSAM, carros com MÚSICA passam nas ruas, um carrinho guiado por um homem está repleto de CDs piratas e toca uma de música Raquel dos Teclados. Em uma rua, inúmeras barracas enfileiradas, algumas vendem roupas amontoadas, outras brinquedos, algumas objetos religiosos.

VENDEDOR

Caiu, caiu, ei, 'fia', caiu. Caiu o preço.

Na praça, há um coreto, árvores e bancos onde as pessoas se sentam. Zé de Biró cruza a praça, com pequenos folhetos de cordel, distribui para as pessoas.

ZÉ DE BIRÓ

No pé do morro, a aventura se desenrola
Quando o mundo se esconde
E o progresso nos engole
Três crianças com sua bisbilhotice
Fez que cidade esquecida
Por fim, não mais inexistisse

Uma procissão se aproxima.

VOZ NO ALTO FALANTE (O.S.)

Viiiiiiiva o Bom Jesus da Lapa!

CORO DA PROCISSÃO

Vivaaa!

Os romeiros com seus chapéus panamá brancos com uma fita de cetim verde, caminham com passos firmes. Muitos carregam pequenas velas acesas e terços nas mãos, murmurando orações.

A imagem do Bom Jesus da Lapa é levada em um andor ricamente decorado, repleto de flores e fitas de cetim com uma maquete do morro, é carregado por devotos que se revezam. Ao redor, músicos tocam músicas sacras, criando uma trilha sonora solene.

Na ala da frente, crianças carregam estandartes, uma delas é Júnior. Dona Vera acompanha, coordenando as crianças. Antônia

e Ary caminham juntas de um lado para o outro cada uma com uma câmera nas mãos, fotografam a procissão. Pipo está acompanhado de Tadeu e Jussara, todos cantam as músicas.

À medida que a procissão avança, a multidão se abre, dando espaço para a imagem seguir adiante. Pessoas de todas as idades se unem ao cortejo, dos mais jovens aos mais idosos. As casas ao longo do trajeto têm varandas lotadas de pessoas, que saúdam a passagem da procissão.

A procissão passa em frente à praça, Nina está com Gabriel próxima ao meio fio, eles assistem a passagem da procissão. Em seguida, corre para a praça, sobre no coreto e brinca com crianças que lá estão, dentre elas Pipo e Júnior.

Fim.